



Ficha Técnica:

Equipa de Pesquisa

Pesquisador:	DAVID MAGAIA
Pesquisador assistente:	CARMEN BAZAR
Compilação do Relatório:	DAVID MAGAIA
Redação Final:	ADRIANO MATEUS BIZA

Assistentes de Campo e Transcritores	
Cabo delgado	David Magaia
Niassa	Moisés Opincai
Nampula	David Magaia
Zambézia	Felisbela Matevula
Tete	Samuel Magaia/ José M. Flores
Sofala	Carmen Bazar
Manica	Carmen Bazar
Inhambane	Mangine Sigaúque
Gaza	Bernardo Simbine
Maputo	Joana Rita Chicuava

Agradecimentos

Este relatório de pesquisa foi desenvolvido como parte de uma campanha regional sobre parceiros múltiplos e co-ocorrentes implementada em 9 países da SADC, membros do Programa Regional da Soul City. O mesmo foi compilado por David Magaia, Carmen Bazar e editado por Marçal Monteiro, Maura Quatorze e Denise Namburete.

Agradecimentos a todos os assistentes de campo e pesquisadores.

Maquetização: N'weti-Comunicação para a Saúde

Impresso por Magic Print Solutions

Abreviaturas

CNCS	Conselho Nacional de Combate ao SIDA
DFID	Departamento de Cooperação Internacional do Reino Unido
DTS	Doença de Transmissão Sexual
FDC	Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade
GDF	Grupo Focal de Discussão
HIV	Vírus de Imunodeficiência Humana
IEC	Informação, Educação e Comunicação
INE	Instituto Nacional de Estatística
ITS	Infecções de Transmissão Sexual
MCP	Multiple Concurrent Partnerships
MISAU	Ministério da Saúde
MP	Múltiplos Parceiros
MONASO	Rede Moçambicana de Organizações de Luta contra o SIDA
ONGs	Organizações Não Governamentais
PEN	Plano Estratégico Nacional de Combate ao HIV e SIDA
PSI	Population Services International
SAAJ	Serviço Amigável para Adolescente e Jovem
SADC	Comunidade de Desenvolvimento da África Austral
SIDA	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
TARV	Terapia Anti-Retroviral
UNAIDS/UNOSIDA	Agência das Nações Unidas para o Combate ao SIDA
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Ciência, Cultura e Educação
UNICEF	Fundo das Nações Unidas Para a Infância

Índice

FICHA TÉCNICA.....	1
Equipa de Pesquisa.....	1
AGRADECIMENTOS.....	1
ABREVIATURAS.....	2
SUMÁRIO EXECUTIVO	5
Tipos de Relacionamentos Múltiplos e co-ocorrentes	5
Causas Socioeconómicas do Envolvimento em Relacionamentos Múltiplos e Co-ocorrentes.....	6
II.1. As relações com múltiplos parceiros sexuais e a resposta ao HIV e SIDA em Moçambique	12
III.1. Revisão de Literatura.....	16
III.2. Pesquisa de Audiência.....	17
III.3. Recolha de Dados.....	18
III.4. Apresentação de dados.....	19
IV. TIPOS DE RELACIONAMENTOS MÚLTIPLOS E CO-OCORRENTES.....	20
IV.1. A poligamia/poliginia.....	21
IV.2. O amantismo.....	21
IV.3. A amizade íntima.....	23
V. MOTIVAÇÕES PARA ENVOLVIMENTO EM REDES DE MÚLTIPLOS PARCEIROS.....	25
V.1. Factores socioeconómicos.....	25
V.1.1. A pobreza feminina.....	25

V.1.2. O consumismo/caprichos.....	27
V.2 “FAZ PARTE DA NOSSA CULTURA”.....	28
V.2.1. Ideologias sobre a masculinidade.....	29
V.2.2. A tolerância à infidelidade masculina.....	32
V.2.3. A (in)satisfação emocional e sexual.....	35
V.2.4. A busca do prazer e da maturação sexual.....	38
V.2.5. A influência dos pares/amigos.....	39
VI. FUNCIONAMENTO E GESTÃO DE RELACIONAMENTOS MÚLTIPLOS E CO-OCORRENTES.....	40
VI.1. Das regras de jogo: entre o silêncio e a mentira.....	40
VI.2. Determinantes da duração da relação.....	42
VII. PARCEIROS MÚLTIPLOS CO-OCORRENTES E HIV & SIDA.....	44
VII.1. Percepções da vulnerabilidade e riscos no contexto de relações com múltiplos parceiros.....	44
VII.2. Múltiplos parceiros co-ocorrentes e dinâmicas de uso do preservativo.....	46
VIII. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	51
IX. CONCLUSÃO.....	59
XI. BIBLIOGRAFIA.....	62

Sumário Executivo

Os resultados da pesquisa sobre relacionamentos com parceiros múltiplos e co-ocorrentes realizada pela N'weti revelam que em Moçambique a problemática deste tipo de relacionamentos constitui uma realidade presente e ainda um enorme desafio para os diferentes actores governamentais e organizações da sociedade civil. Esta preocupação ganha cada vez mais pertinência, pois assume-se como factor catalisador das infecções em HIV.

Tipos de Relacionamentos Múltiplos e Co-ocorrentes

Dados da pesquisa sobre os diferentes tipos de relacionamentos com múltiplos parceiros e co-ocorrentes mostram que existe uma diversidade deles. Estes partem de modelos considerados normais e/ou tradicionais de aliança matrimonial, como a poligamia, evoluindo para formas novas e reconfiguradas, denominadas de amantismo e amizade íntima. No geral, as diferentes formas de relacionamento coexistem e se constroem ora dentro das normas e dos grupos familiares, ora fora delas, na interface entre o público e o privado e entre o socialmente legitimado e reprovado.

O amantismo é a forma mais comum, omnipresente nos contextos estudados, e a prática caracteriza o conjunto de relações sexuais e consideradas amorosas que se mantêm com um parceiro/a em



quem se reconhecem qualidades diversas, desde a beleza, postura física, atitudes, estatuto e até poder económico. A amizade íntima trata-se de uma forma de afeição, simpatia e, sobretudo, atração por alguém com o qual se mantém simultaneamente uma relação de amizade e de parceria sexual.

Esta categoria é permeada por ideologias de género tornando a categoria de amigo/a percebida de forma diferenciada para homens e mulheres: as amigas não ocupam necessariamente o mesmo espaço na vida do homem que o amigo ocupa na vida da mulher. Para os homens, a "amiga" pode ser alguém a quem estes recorrem para diferentes propósitos tais como, passeios, acompanhamento em saídas de negócios, divertimento e/ou curtição, fuga e/ou "escape" às rotinas casamenteiras, busca de prazer sexual, entre outros motivos. As "amigas" podem ser de conhecimento público, sobretudo num círculo restrito de amigos, colegas, familiares e conhecidos. Pelo contrário, para as mulheres, o amigo é na maior parte das vezes um segredo, havendo pouca frequência conjunta de espaços públicos. Para algumas das mulheres casadas o "amigo" é visto como factor estabilizador da relação conjugal quando esta passa por momentos de instabilidade, alguém a quem se pode recorrer para assegurar a harmonia conjugal.

Causas Socioeconómicas do Envolvimento em Relacionamentos Múltiplos e Co-ocorrentes

A pesquisa qualitativa mostra que o envolvimento em relacionamentos múltiplos e simultaneamente co-ocorrentes possui diversas motivações que variam de acordo com o contexto em que os indivíduos estão inseridos. As condições sócioeconómicas; crenças; aspectos culturais; dinâmicas de género; construção sócio-sexual dos indivíduos, entre outras. A motivação para o envolvimento em relacionamentos múltiplos é explicada pela necessidade de garantir condições materiais de sobrevivência

“No meu ponto de vista, tenho vários parceiros porque parceiro é negócio. Outro parceiro é afecto, outro é companheirismo querer estar com ele toda hora; o prazer de estar com o João porque ele tem dinheiro ou porque tem um veículo, aquela vontade de estar sempre no carro a passear, e por isso acaba tendo vários parceiros.”

RAPARIGA – ZONA URBANA – BEIRA



e reprodução individual e colectiva. A procura de bens materiais não está necessariamente ligada à pobreza. Outro aspecto que serve de motivação ao envolvimento com parceiros múltiplos e co-ocorrentes e que muitas vezes é associado a factores socioeconómicos é o consumismo.

Este fenómeno foi referido em muitos contextos de pesquisa e tem como característica a procura de bens considerados supérfluos caprichos. Localmente, um número considerável de mulheres e raparigas envolve-se com múltiplos parceiros, normalmente com potencial económico, superior com o objectivo não necessariamente de suprir as suas necessidades básicas, mas para obter recursos que permitam a aquisição de bens de consumo e/ou de luxo, como telefones celulares, vestuário de marca e da moda, passeios de automóvel entre outras benesses.

Causas Socioculturais do Envolvimento em Relacionamentos Múltiplos e Co-ocorrentes

A ocorrência destes relacionamentos é legitimada por um conjunto de crenças e estereótipos do que deve ser o comportamento sexual de um homem comparado ao de uma mulher. A afirmação da masculinidade nos contextos estudados constitui o principal factor motivador. O processo de construção da virilidade passa por ter e/ou manter relações sexuais com maior número de mulheres possível. Estes estereótipos constroem-se à volta da ideia de um "direito natural" que o homem goza, e que o impele à necessidade de envolvimento sexual com mais do que uma parceira. Paralelamente, a pesquisa revelou que a motivação pelo orgulho, reputação, honra, notoriedade e vontade de distinção e de hierarquia no grupo/comunidade impele também as mulheres, contribuindo para a construção de novas formas de identidade e/ou subjectividade feminina.

A prática de relações sexuais é um factor agenciador das relações sociais e age simultaneamente como factor catalisador e limitante do envolvimento dos indivíduos em redes de relacionamentos com múltiplos parceiros. Para além dos estereótipos que se constroem em volta das identidades socialmente construídas de homem e mulher, a prática sexual e as representações que se constroem em torno dela também motivam o envolvimento em relações com múltiplos parceiros e co-ocorrentes. Para além da questão da procriação, a prática sexual age simultaneamente como factor estabilizador e de ruptura das relações mantidas com o parceiro primário. Praticar relações sexuais com outro que não constitui um espaço e ocasião que permite não apenas manter contacto com métodos e/ou posições actualizadas e não permitidas no espaço da relação com a parceira primária, mas também, e sobretudo, de aperfeiçoamento do desempenho na prática da relação sexual do homem.

“Acho que é um jogo, porque para os homens dizem que está na moda ter várias, quando aparece um dizendo que só tem uma namorada não parece ser nada perante os outros, para demonstrar o seu machismo ele tem que aparecer com várias namoradas.”

RAPAZ - ZONA URBANA - MAPUTO

“*Eu tenho meu amigo que eu o considero bonito, depois aparece o segundo. Quando aparece o segundo tenho que dizer a ele que existe um, aquele que eu amo, aquele que eu sinto que está tudo legal; então eu digo: Me queres? Tens que conseguir me respeitar, se me veres com ele não me conheces, se eu também calhar com tua mulher não te conheço. Mas, quando chega aquela nossa hora é nossa hora e prontos.*”

RAPARIGA - ZONA URBANA - PEMBA

Funcionamento e gestão de relações com múltiplos parceiros e co-ocorrentes

A pesquisa interessou-se pelas dinâmicas de funcionamento e gestão das relações com múltiplos parceiros e co-ocorrentes. Uma das principais e primária característica do funcionamento destes relacionamentos é o estabelecimento de “regras de jogo”. Estas prescrevem atitudes e comportamentos a adoptar durante a relação. A preocupação pelo estabelecimento destas regras é geralmente das mulheres, que gerem suas relações com base no silêncio e/ou segredos em relação ao parceiro primário e aos subsequentes. Os homens recorrem à mentira e ocultação às parceiras co-ocorrentes, caracterizando assim o seu modelo de funcionamento e gestão de múltiplos parceiros.

Percepções de risco em relação à infecção por HIV

A audiência crê que o envolvimento em redes de relações sexuais com múltiplos parceiros catalisa o potencial de infecção por HIV, mas este risco não é o primeiro, situa-se no campo mais vasto de situações de risco social que são mais valorizados e temidos. Os riscos mais temidos estão associados a situações e/ou consequências com potencial para gerar eventos de anomalia social. O envolvimento com múltiplos parceiros pode originar gravidez indesejada, não assumida, filhos igualmente indesejados, e principalmente de se tornarem meninos da rua, vulneráveis à prostituição e a delinquência.

O envolvimento com múltiplos parceiros não é de per si percebido como situação ou evento que tenha implicações de risco de infecção ou propagação do HIV e SIDA. A regularidade da relação é um aspecto que não é associado ao risco; se nestes tipos de relacionamento ocorre a infecção, esta é sempre atribuída ao “outro/a” com o/a qual o parceiro se envolveu. Os parceiros primários só poderiam ter contraído o HIV em relacionamentos anteriores, passados ou ocorridos fora da relação em casos de infidelidade e traição.



Uso de preservativo em contexto de relações com múltiplos parceiros e co-ocorrentes

No que se refere à relevância do uso do preservativo, a pesquisa mostra que há conformidade de sentimentos de que este é importante porque previne as ITS, HIV e a gravidez indesejada, e que deve ser usado constantemente. No entanto, são indicadas várias razões e/ou barreiras para o não uso do preservativo, muitas delas associadas a estereótipos e percepções localmente construídos e socialmente partilhados sobre a prática de relações sexuais e da sexualidade como campo culturalmente regulado.

No contexto dos relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes, considera-se que o preservativo é usado nos primeiros dias da relação e à medida que esta estabiliza, subsiste e, sobretudo, multiplicam-se os contactos sexuais. Com o passar do tempo, gera-se um ambiente de confiança e o preservativo é descartado. A ideia de confiança é crítica no contexto de relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes. O sentimento de confiança cria segurança no novo ciclo da relação em que os indivíduos estão envolvidos com o parceiro habitual embora não primário.

Segundo a audiência, o uso de preservativos é aceite em relações ocasionais, mas nem todas as relações ocasionais impelem ao uso do preservativo. O preservativo pode ser dispensado quando existe um/a parceiro/a bastante apreciado pelas suas características físicas, consideradas belas ou atraentes. Este é usado em caso de viagens por um período prolongado, durante o qual não se pode ficar sem praticar relações sexuais com desconhecidos, principalmente determinadas categorias sócio profissionais, como as trabalhadoras de sexo. Tanto para homens como mulheres, o preservativo é considerado um obstáculo para se obter o prazer sexual, não permite a satisfação sexual plena o que contraria a natureza do sexo. Por outro lado, o preservativo é tido como algo que cria desconforto na relação sexual; cria lesões, irritação e inflamação nos órgãos genitais e ainda dificulta o orgasmo.



“Sinceramente, eu acho que as pessoas usam o preservativo nos primeiros dias de uma relação. A partir do momento que pula a cerca, muitas vezes, há casos em que começa como part-time, uma aventura, mas ele vai a primeira vez, volta a segunda, já está lá um mês, depois um ano, ai já confia em ti, és minha amiga, estou seguro, tira o preservativo.”

MULHER – ZONA URBANA – MAPUTO

“O relacionamento que existe aqui na nossa localidade ou no nosso distrito em geral entre homem e uma mulher, o que é mais abundante é de ser amantes apenas. Agora de serem namorados de verdade é um caso raro mas existem, o que é mais abundante é de serem amantes, isso é mais por falta de consideração entre nós as mulheres e os homens também, há falta de consideração entre ambos.”

MULHER – ZONA

SEMI-RURAL – INHAMBANE

I. Introdução

Este relatório apresenta resultados de uma pesquisa formativa realizada em Moçambique sobre o fenómeno de *Multiple Concurrent Partnerships* (Relacionamentos Múltiplos e Co-ocorrentes) no contexto do HIV e SIDA. O relatório informa a N’weti, organização dedicada à comunicação para a saúde, sobre percepções e atitudes da audiência em relação ao fenómeno. Procura igualmente informar sobre normas sociais e práticas em torno do assunto e identificar as barreiras que impedem a mudança do comportamento.

O fenómeno de relacionamentos com múltiplos parceiros co-ocorrentes entre homens e mulheres emergiu na agenda programática da reunião de Peritos da SADC em Maseru, no Lesoto, em Maio de 2006 (SADC Think Tank). Esta reunião identificou este fenómeno como um dos principais vectores de transmissão do HIV na África Austral. O relatório do encontro concluiu que os parceiros múltiplos e co-ocorrentes associados aos baixos índices de circuncisão e ao baixo uso do preservativo explicam a elevada prevalência do HIV na região, no contexto de elevada mobilidade populacional, desigualdades na distribuição de renda, factores culturais e desigualdade de género que a caracterizam.

Foi neste contexto que o Programa Regional da Soul City, em parceria com o Secretariado da SADC, decidiu e acordou realizar intervenções nacionais e regionais com o objectivo exclusivo de influenciar a redução da multiplicidade de parceiros no âmbito do HIV. Como forma de informar a produção dos materiais de comunicação tanto a nível regional como a nível de cada país da SADC, foi sugerida e realizada uma pesquisa formativa sobre



parcerias múltiplas e co-ocorrentes em simultâneo nos nove países da SADC que são parceiros do Programa Regional da Soul City.

Em Moçambique a pesquisa foi realizada pela N'weti, parte integrante do Programa Regional da Soul City.

O presente relatório está estruturado em seis partes: na primeira apresenta-se a metodologia adoptada para a realização da pesquisa. Em seguida faz-se a apresentação das tipologias de MCPs (*Multiple Concurrent Partnerships*) indicadas pela audiência: a poligamia, o amantismo e amizade íntima. Na terceira são arrolados factores socio-económicos e culturais que impelem homens e mulheres a envolver-se nestas redes de relações sexuais. Na quarta parte são descritas as modalidades em que homens e mulheres gerem estas relações no seu quotidiano. Devido a correlação directa existente entre o fenómeno e a pandemia do HIV e SIDA, afluem-se de seguidas percepções sobre a vulnerabilidade e risco da audiência para contrair o HIV e dinâmicas e significados do uso do preservativo. Para finalizar, o relatório apresenta as principais conclusões e recomendações estratégicas a considerar nas intervenções programáticas visando a redução de parceiros.

O título do relatório é sugerido pela forma como funcionam os MCP e pelas estratégias que tanto homens e mulheres envolvidos em redes de relações com parceiros múltiplos e co-ocorrentes accionam para gerir quotidianamente a sua participação nas redes sexuais. Os dados das entrevistas mostram que estes relacionamentos existem e são mantidos por homens e mulheres com trajectórias, experiências e motivações próprias, accionam e recorrem de forma persistente ao silêncio, a segredos e a mentiras, tanto para assegurar a continuidade da relação com o parceiro primário como para iniciar e manter relacionamentos com mais parceiros.



“Para mim acho que é o seguinte: isso parte um pouco dos homens. Tu ficas em casa com um homem, eu fico com meu namorado em casa mas ele não me considera, hei-de ir procurar outra pessoa para me dar carinho mas eu vou conseguir gerir. Por exemplo: estou com o meu namorado e vou para rua, surge aquele meu amigo, tenho que fingir que não conheço e ele também fingir que não me conhece, e quando é a hora marcada tenho que ir para lá, sacar as cenas normalmente.”

RAPARIGA - ZONA URBANA - NAMPULA

II. Contextualização

II.1. As relações com múltiplos parceiros sexuais e a resposta ao HIV e SIDA em Moçambique

Como se refere antes, a preocupação com o fenómeno dos parceiros múltiplos e co-ocorrentes foi levantada no âmbito da reunião de peritos sobre prevenção de HIV e SIDA nos países com elevada prevalência de HIV na Africa Austral, organizada pela SADC e ONUSIDA em Maio de 2006 no Lesoto. Esta concluiu que muitos níveis de parceiros sexuais múltiplos e co-ocorrentes para homens e mulheres associados a baixa consistência e incorrecto uso do preservativo, combinada com baixos níveis de circuncisão masculina são os principais vectores de propagação da pandemia na sub-região austral africana. As principais intervenções recomendadas pelos especialistas em HIV e SIDA presentes no encontro assinalaram a necessidade de acções tendentes para a redução significativa de parceiros múltiplos e co-ocorrentes para homens e mulheres, a necessidade de um maior envolvimento dos homens na prevenção ao HIV, maior atenção à alta prevalência da violência sexual, à baixa percepção do risco entre os envolvidos (SADC, 2006).



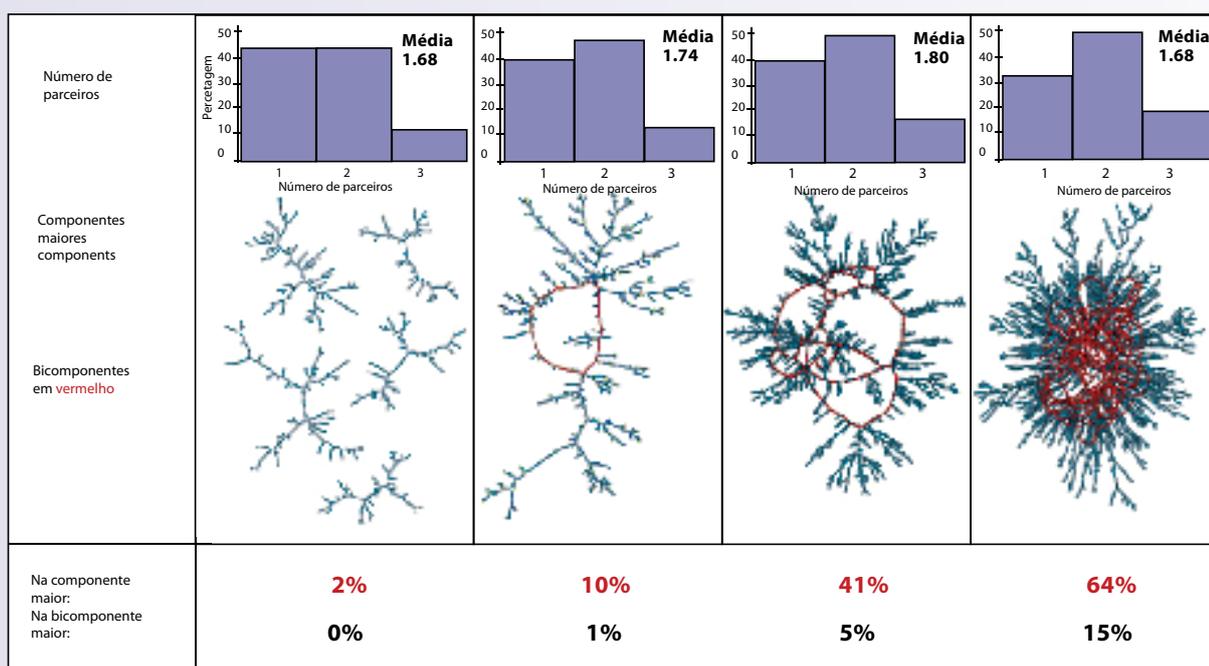
Pesquisas recentes já haviam demonstrado que a existência de parceiros sexuais co-ocorrentes ou simultâneos representa mais um factor de rápida expansão do HIV, pois traduz-se na sobreposição de parceiros ao longo do tempo (Morris & Kretzschmar 1997: 641). Vários autores (entre eles Watts & May 1992, Morris & Kretzschmar 1997) demonstram que o envolvimento em redes de múltiplos parceiros amplia a expansão das infecções por HIV porque nestas redes a lógica de actuação do vírus é bastante rápida. Uma vez ocorrida a infecção, o vírus não espera até que o relacionamento se dissolva ou que este relacionamento termine e se inicie um novo relacionamento, porque os parceiros anteriores continuam a manter relações sexuais com o indivíduo, tornando-se mais expostos ao vírus quando este indivíduo é infectado por um parceiro posterior concorrente. O carácter concorrente e simultâneo dos relacionamentos aumenta o tamanho, a variabilidade e a velocidade da epidemia de forma exponencial (Morris & Kretzschmar 1997: 641) pois na fase imediatamente pós infecção – fase de pico de transmissão – o vírus salta por cada um dos indivíduos que faz parte da rede sexual e estes ficam expostos novas oportunidades de se infectar.

Em Moçambique, este fenómeno também é comum. Existe um número considerável de indivíduos de ambos os sexos que mantêm relações sexuais com 2 ou mais parceiros e com uma grande probabilidade de estes relacionamentos sexuais múltiplos serem co-ocorrentes. Dados estatísticos do IDS de 2003 mostram, por exemplo, que o grupo de mulheres dos 15 aos 24 apresenta uma percentagem consideravelmente alta de mulheres que tiveram 2

“Muitos desses relacionamentos aqui na nossa comunidade duram mais tempo quando se tem condições financeiras tanto do lado da moça ou do lado do moço. Para dizer que agora há mais relacionamentos de puro interesse material para estar com alguém.”

RAPARIGA – ZONA

URBANA – BEIRA



Martina Morris, Univ. of Washington

“*Depende, porque aquela que a gente considera que é a nossa amada é aquela que a gente cuida que pode durar anos e anos connosco, então tem aquelas que existem como passatempo porque se estás a necessitar de fazer sexo é para algumas horas porque depois de fazeres relações sexuais já não consideras mais, não dás aquele valor de ser mulher porque ela também tem que pensar que tratamento está a ter comigo.*”

RAPAZ - ZONA URBANA - PEMBA

ou mais parceiros no ultimo ano com maior concentração na faixa dos 15 aos 19 (9.8%). Os homens têm de forma geral maior nível percentual de 2 ou mais parceiros, principalmente no grupo etário dos 20 aos 24 anos onde 43.5% de indivíduos tiveram duas ou mais parceiras sexuais no ultimo ano, o que mostra com clareza a ampla dimensão dos relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes no contexto moçambicano.

A existência de múltiplos parceiros foi reconhecida pela análise situacional feita durante a elaboração do Plano Estratégico Nacional de Combate ao HIV e SIDA 2005-2009 (PEN II) como um dos principais factores socioculturais e económicos que facilitam a infecção por HIV (CNCS Livro I, 2004: 33). Como resultado desse reconhecimento, o desenvolvimento de uma estratégia e acções de Informação, Educação e Comunicação (IEC) que verssem especificamente sobre os perigos da multiplicidade de parceiros sexuais e que desencoragem tais práticas foi considerado uma das principais actividades no pilar da Prevenção com vista a reduzir o número de infecções pelo HIV na população em geral e em particular no grupo etário dos 15 a 29 anos (CNCS Livro III, 2004: 18)

Embora a componente de prevenção constitua o primeiro e um dos principais pilares da resposta ao HIV e SIDA em Moçambique e as acções de redução da transmissão sexual constituam a regra com vista à mudança de comportamentos, uma análise feita pela MONASO (2008) sobre estas actividades indicou que as acções de



prevenção no geral debatem-se com problema de coordenação, de cobertura e de difundirem conteúdos desajustados à realidade dos destinatários. Paralelamente, a análise mostrou haver pouco enfoque específico e efectivo em relação aos relacionamentos com parceiros múltiplos e co-ocorrentes, embora se reconheça o potencial de risco que estes constituem. Esta situação também ocorre porque com o evoluir da dinâmica nacional de resposta ao HIV e SIDA, muitas organizações envolvidas foram privilegiando a mitigação dos seus efeitos, relegando a prevenção ao segundo plano.

Para finalizar, a abordagem de redução de parceiros embora reconhecida no PEN II está recebendo pouca atenção no quadro das intervenções de resposta ao HIV e SIDA em Moçambique. O elevado número de associações e organizações nacionais e internacionais que operam na área do HIV e SIDA, associado às dificuldades que se colocam às instituições responsáveis – CNCS por via dos NPCCS – de coordenar, supervisionar e acompanhar o progresso das intervenções não permitem visualizar na actualidade a existência de uma estratégia de prevenção ao HIV direccionada para a redução da multiplicidade de parceiros sexuais como está concebida. E como as evidências locais mostram que em muitos contextos de Moçambique as práticas culturais e tradições permitem e algumas vezes encorajam a multiplicidade de parceiros para os homens; existe um imperativo de se desenvolver programas de comunicação para trabalhar junto aos líderes locais e incorporar aspectos de género com vista a desafiar as percepções e atitudes de género prejudiciais à mulher.



“É assim, eu que estou a falar agora sou pobre, porquê? Eu trabalho sim, mas eu tenho mais ambições, quero estudar mas não tenho como. Hoje pode aparecer uma pessoa dizer: “Meli está aqui uma bolsa, mas para esta bolsa tens que ter um assunto comigo”, e, eu quero estudar. No teu lugar o que farias? Eu não posso deixar esta bolsa ir embora, eu me entrego na hora; eu sou pobre mas quero estudar.”

RAPARIGA - ZONA URBANA - PEMBA

“*Eu penso que para uma pessoa viver precisa ter um valor na comunidade e para isso nós os donos é que preparamos o nosso futuro, nós é que decidimos por nós mesmos, então, a pessoa tem que ser responsável por si mesma, fazer as coisas com juízo. Se eu tenho três parceiros é para quê? Como é que as pessoas vão me reparar? Eu primeiro tenho que me questionar antes de fazer alguma coisa, e se eu não me questionar as pessoas vão me olhar mal.*”

RAPARIGA - ZONA URBANA - PEMBA

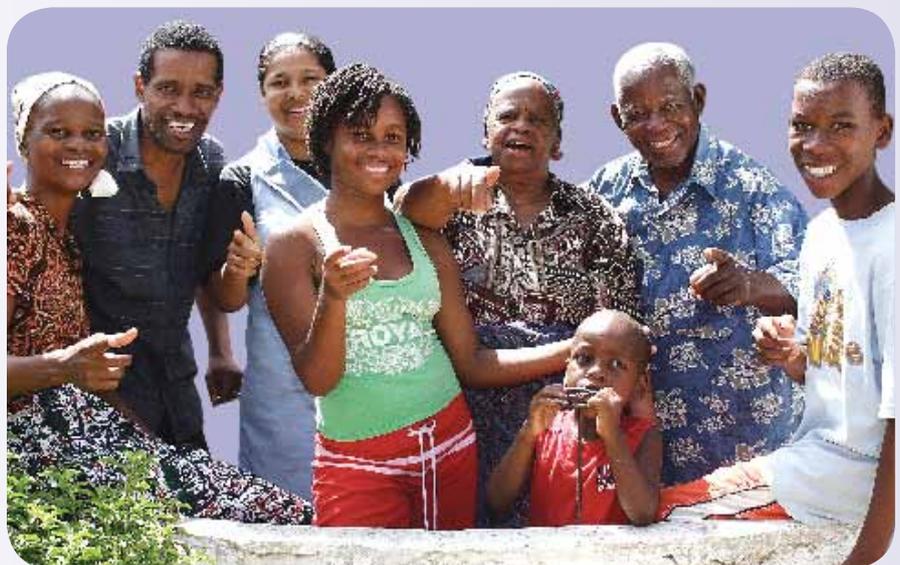
III. Metodologia

Para melhor alcançar os objectivos pretendidos, a pesquisa formativa foi desenvolvida com recurso a metodologias combinadas de carácter qualitativo, com vista a melhor explorar e captar os principais problemas e dimensões da realidade em que a N'weti pretende intervir. O uso de dados qualitativos facilitou a apreensão das percepções, opiniões e significados atribuídos pelos indivíduos à prática social em análise. Os dados qualitativos tiveram a vantagem de mapear as dinâmicas e facilitar a compreensão dos contextos sociais onde ocorrem os relacionamentos com múltiplos parceiros e co-ocorrentes.

A combinação das três técnicas de análise qualitativa – entrevistas aprofundadas, discussões em grupo e observação directa estruturada - visou essencialmente aproveitar o potencial exploratório de cada uma delas bem como as suas capacidades de descoberta e colecta de informação. Ademais, as várias técnicas aplicadas colectam informação de natureza diferente que precisa ser complementada.

III.1. Revisão de Literatura

Esta constituiu a primeira etapa da pesquisa e centrou-se essencialmente na recolha e análise da literatura existente sobre o tema com vista a familiarizar a equipa de pesquisa com pesquisas precedentes, assim como aceder ao material teórico e diferentes abordagens já existentes ao nível local e internacional sobre o tópic. A revisão de literatura permitiu igualmente a abertura de pistas de reflexão e a elaboração de instrumentos de pesquisa que se adequassem ao contexto da pesquisa. Através da revisão de literatura constatou-se que existe uma vasta documentação sobre relacionamentos com múltiplos parceiros co-ocorrentes em Moçambique e principalmente em contextos similares, sobretudo na região austral de África.



A bibliografia consultada deu ênfase a:

- Natureza dos MCP
- Análise do contexto local à volta dos MCP
- Factores que contribuem e perpetuam os MCP
- Aspectos sócio-culturais e económicos que influenciam os MCP
- Barreiras em relação à mudança de comportamento e adopção de comportamento saudável
- Impacto dos MCP na comunidade e na sociedade em geral
- Resposta Nacional aos MCP
- Estratégia Nacional e estratégias locais para alcançar mudança de comportamento
- Intervenções locais
- Intervenções efectivas
- Políticas e estratégias relevantes em torno dos MCP
- Indicadores relevantes, percentagens e estatísticas sobre os MCP
- Práticas e intervenções de outros países.

III.2. Pesquisa de Audiência

A pesquisa de audiência compreendeu o processo de recolha de dados efectuado em diferentes contextos cujos resultados são apresentados no relatório. A pesquisa de audiência revela-se um estudo importante porque permite o conhecimento de aspectos chave que determinam o comportamento dos indivíduos, percepções sobre MCP, e barreiras para a mudança de comportamento que o grupo de audiência experimenta no seu dia a dia, por isso, esta pesquisa é considerada fundamental para o processo de elaboração de mensagens.

“Para mim, a base disso só pode ser o amor. Quando você ama uma pessoa, você sente tudo nela; satisfação completa mesmo que a pessoa não tenha condições você não olha para esse lado porque você sente algo forte na pessoa, então, só amando mesmo é que você fica com uma única pessoa.”

RAPARIGA – ZONA RURAL – MANICA



“*Existe um homem que pode ter duas, três mulheres até aqui em Chokwe é normal aqui e o que acontece, sabemos de antemão, que não é possível um homem amar e satisfazer todas três mulheres, hoje pode estar com esta e amanhã com outra, então ele acha-se macho.*”

HOMEM-ZONA RURAL- CHOKWÉ

A pesquisa de audiência procurou privilegiar os seguintes tópicos:

- Compreensão do grupo de audiência sobre as relações sexuais e a prevenção HIV
- Como a audiência entende os MCPs
- Necessidades, sentimentos, percepção e atitudes da audiência sobre o tópico
- Comportamento da audiência em relação aos MCPs
- Normas sociais e práticas em volta dos MCPs
- Barreiras à mudança de comportamentos relacionados com MCPs
- Como a audiência vê a sua masculinidade e feminilidade quando se trata de relações sexuais
- Papel do sexo dentro e fora do casamento

III.3. Recolha de Dados

A recolha de dados privilegiou a combinação de várias técnicas: as entrevistas semi-directivas aprofundadas, a própria observação directa e os grupos focais de discussão com vista a aproveitar/explorar o potencial de cada uma. O uso e combinação de diferentes técnicas de investigação social qualitativa visou apreender a significação que é dada pelos indivíduos em torno da temática em estudo.

As entrevistas semi-directivas foram realizadas com base num guião que continha as questões chave e temas relativos ao objecto de pesquisa. Estas foram dirigidas a informantes chave, principalmente representantes de organizações que intervêm na área do HIV e SIDA. Os tópicos e objectivos principais considerados incluíram:

- Identificar as percepções sobre a ocorrência do fenómeno
- Compreender a opinião, conhecimento e experiência dos informantes chave em relação a MCP
- Compreender a partir dos informantes chave, os aspectos críticos relacionados com MCP
- Colher a experiência dos informantes chave em abordar os MCPs numa perspectiva de comunicação.
- Criar parcerias para apoiar a N'weti através de *inputs* no processo de produção de materiais.

Para além de entrevistas individuais, o estudo realizou entrevistas com Grupos Focais de Discussão compostos por homens e mulheres adultos e jovens com fundo e experiências semelhantes. O propósito principal desta técnica foi extrair idéias e percepções destes em relação ao fenómeno. Para este estudo a N’weti realizou 22 discussões em grupos focais distribuídos por todas as províncias do país, 2 grupos por cada província, com excepção de Maputo, onde foram criados 4 grupos. Os grupos foram formados da seguinte forma: 11 representando a zona rural e 11 representado zona urbana e semi-urbana; 6 grupos, dos quais 3 na zona rural e 3 na zona urbana constituídos por jovens do sexo feminino, outros 6 grupos de jovens de sexo masculino ; 6 grupos de mulheres adultas, também divididos equitativamente pelas zonas rural e urbana; e por fim, 6 grupos de homens seguindo a mesma regra.

Tabela: Audiência abrangida pelo estudo por técnica de recolha de dados

Região	Província	Grupos Focais de Discussão						Entidades Individuais	
		Homens	Mulheres	Misto	Rapazes	Raparigas	Misto	Homens	Mulheres
Norte	Cabo Delegado	N/A	N/A	N/A	1	1	N/A	N/A	N/A
	Niassa	1	N/A	1	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
	Nampula	N/A	1	N/A	N/A	1	N/A	N/A	N/A
Centro	Zambézia	N/A	1	N/A	1	N/A	N/A	N/A	N/A
	Sofala	N/A	N/A	N/A	1	1	N/A	3	3
	Tete	N/A	1	N/A	1	N/A	N/A	N/A	N/A
	Manica	1	N/A	N/A	N/A	1	N/A	N/A	N/A
Sul	Inhambane	1	N/A	N/A	N/A	N/A	1	N/A	N/A
	Gaza	1	1	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
	Maputo	1	1	N/A	1	1	N/A	3	3
Total	5	5	1	5	5	1	6	6	6

III.4. Apresentação de dados

Os dados serão apresentados obedecendo à análise feita, sustentada por discursos originais em forma de citação directa. Os grupos abrangidos são categorizados de acordo com o sexo (Mulheres e Homens) e por estrato etário (raparigas e mulheres).

“O relacionamento que existe aqui na nossa localidade ou no nosso distrito em geral entre homem e uma mulher, o que é mais abundante é de ser amantes apenas. Agora de serem namorados de verdade é um caso raro mas existem, o que é mais abundante é de serem amantes... Pode ser namoro, pode ser aventura; portanto, amantes.”

HOMEM - ZONA RURAL - INHAMBANE

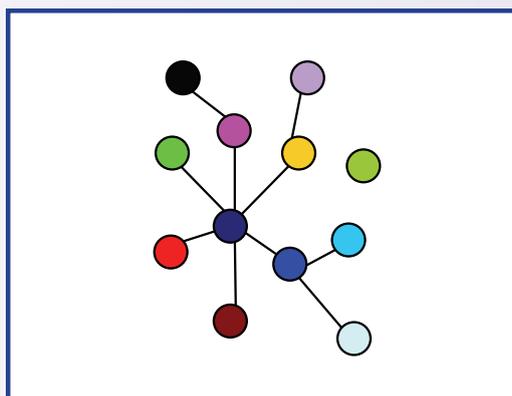
IV. Tipos de relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes

A pesquisa teve como primeiro eixo de análise a identificação dos diferentes tipos de relacionamentos múltiplos existentes nos contextos de análise. Esta informação era de capital importância para se aferir as diferentes categorias percebidas e consideradas de relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes. Dados das entrevistas mostram que existe uma variedade de relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes. Estes partem de modelos considerados normais e/ou tradicionais de aliança matrimonial em contextos patriarcais na África sub-Sahariana, como a poligamia, evoluindo para formas novas e reconfiguradas, cujas denominações variam e cuja característica comum é o relacionamento simultâneo a curto e médio prazos com diferentes parceiros.

Segundo dados recolhidos junto dos entrevistados, existem vários tipos de relacionamentos simultâneos e co-ocorrentes envolvendo múltiplos parceiros, tanto homens como mulheres nas comunidades, dos quais se destacam a poliginia formal e/ou socialmente reconhecida, o amantismo e a amizade íntima. Dentre estes tipos de relacionamentos múltiplos co-ocorrentes, o amantismo e a amizade íntima com vista a tirar benefícios materiais individuais e coletivos foram os mais referidos pela audiência, principalmente entre grupos de mulheres.

Embora existam diferenças nas representações e nas categorizações, as fronteiras efectivas e critérios de diferenciação como práticas sociais são muito ténues. Os indivíduos oscilam de um determinado modelo de relacionamento múltiplo para outro em função das vicissitudes do contexto em que se inserem. No geral, as diferentes formas de relacionamento coexistem e se constroem ora dentro das normas e dos grupos familiares, ora fora delas, na interface entre o público e o privado e entre o socialmente legitimado e reprovado.

Figura: Esquema ilustrativo de relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes



IV.1. A poligamia/poliginia

A poligamia, na sua versão poliginica – um homem casado com várias esposas, coabitando com elas ou não – foi a primeira forma de relacionamento múltiplo e co-ocorrente indicado pelos entrevistados. Diferentemente das outras formas de relacionamento com múltiplos parceiros, a poliginia (vulgarmente chamada de Poligamia) é socialmente legitimada por cerimónias de entrega de compensação matrimonial, cuja designação varia de acordo com os contextos culturais locais. Como foi documentado no passado e admitido pelos entrevistados, a poliginia (é usada de forma indistinta) constitui uma das formas de aliança matrimonial, sobretudo em contextos rurais e agrícolas e prevalece até a actualidade.

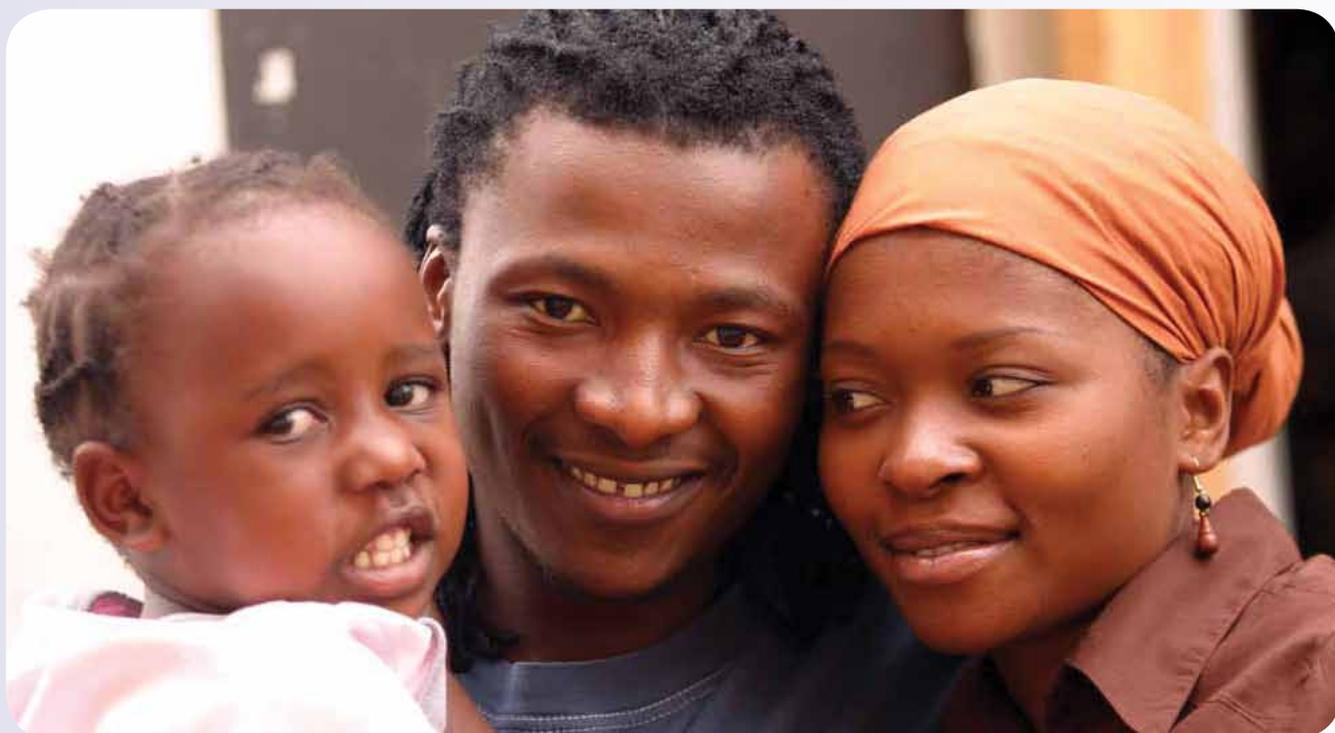
IV.2. O amantismo

O amantismo é a forma mais comum referida para designar uma relação de múltiplos parceiros e co-ocorrentes. Tida como omnipresente nos contextos estudados, a prática caracteriza geralmente o conjunto de relações sexuais e consideradas amorosas que se mantêm com um parceiro(a) cujas qualidades são apreciadas, desde a beleza, postura física, atitudes, estatuto e até poder económico.

O amantismo pode assumir diversas designações. O relacionamento de amantismo é poucas vezes mencionado e etiquetado como tal na medida em que supõe relações ilícitas, informais e não legítimas e na maior parte dos casos socialmente reprovadas. Dado a este carácter pejorativo, desqualificante e *hors normes* da prática há preferência por designar a prática de "relacionamentos

“ Bem, existe também amigo íntimo, aquele que podem sacar cenas juntos, mas não é teu namorado. Por exemplo, tens um namorado mas tens um amigo que às vezes podem sair juntos e até rolar um beijo mas sem compromisso. ”

RAPARIGA - ZONA SEMI-RURAL - TETE



“É assim, nós as mulheres somos tão sensíveis que se o homem não cuida somos obrigadas a procurar um amigo que possa nos fazer sentir bem. É por isso que nós dizemos que grande parte dos relacionamentos é de amigos íntimos porque muitas vezes nossos maridos em casa não conseguem ser nossos amigos.”

MULHER – ZONA URBANA – NAMPULA

extraconjugais”, de “amiga/os” ou de “namorada/os” aos parceiros com os quais os indivíduos se envolvem. O amantismo ocorre entre e envolve indivíduos tanto casados como solteiros e pode assumir a forma de concubinato.

“Bom, para mim, eu vou falar da parte da relação de amantismo é uma relação que é mais para as mulheres solteiras, assim como eu, ou como muitas de nós que estamos aqui, somos crescidas e não temos apoio dos nossos pais, e aí está a questão. Se não temos apoio dos nossos pais eles não conseguem com as exigências que lhes fizemos de modeste, calças da moda, ora porque temos filhos sem pais e não temos como criar ou dar-lhe um brinquedo, aí procuramos homens casados, algumas procuram homens sei lá solteiros mas a maioria penso que procura homens casados porque o compromisso é menor, e o homem casado é mais reservado sempre quer manter mais sigilo e vive preso a compromisso das tuas chamadas, te atende sempre quando você está aflita e porque queres algo.”

(RAPARIGA – ZONA URBANA – LICHINGA)

“... relacionamentos na nossa comunidade são vários: existem relacionamentos de casados, namorados, existem também aqueles relacionamentos de interesse que são geralmente aqueles que acontecem de uma jovem e um homem casado que lhe dá ajuda financeira e que tenha uma idade superior à moça, também existem mais relações de interesse em que a mulher vai mais à procura de dinheiro, porque a jovem relaciona-se com um homem mais velho para alcançar certo fim monetário, adquirir certo bem financeiro. Então elas optam por essa via; por isso eu digo é uma relação de interesse que existe aqui na minha comunidade, é mais por esse lado de interesse.”

(RAPARIGA – ZONA URBANA – BEIRA)



IV.3. A amizade íntima

A última das categorias referidas nos contextos da pesquisa como um dos subtipos de relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes é a amizade íntima. Trata-se de uma forma de afeição, simpatia e sobretudo atracção por alguém, com quem se mantém simultaneamente uma relação de amizade e de parceria sexual. Esta modalidade de relacionamento foi muito referida e ocupa um lugar privilegiado entre mulheres (mulheres e raparigas) solteiras e casadas. Na maior parte dos casos, assume-se que na relação de amizade íntima goza-se de uma maior liberdade na prática de relações sexuais com o parceiro/a sem no entanto existir algum compromisso ou vínculo posterior entre ambos os envolvidos.

Os dados indicam que esta categoria é permeada por ideologias de género fazendo com que a categoria de "amigo/a" seja percebida de forma diferenciada por homens e mulheres. As "amigas" não ocupam necessariamente o mesmo espaço na vida do homem que o "amigo" ocupa na vida da mulher. Entre homens, para além do relacionamento conjugal, o relacionamento com "amigas" é tido como mais frequente e aparece como a forma dócil de designar e/ou legitimar uma relação que tende a ser reprovada actualmente, sobretudo em contextos urbanos. Para estes, a "amiga" pode ser alguém a quem estes recorrem com diferentes propósitos tais como, passeios, acompanhamento em saídas de negócios, divertimento e/ou curtição, fuga e/ou "escape" às rotinas casamenteiras, busca de prazer sexual entre outros motivos. As "amigas" podem ser de conhecimento público, sobretudo num círculo restrito de amigos, colegas, familiares e conhecidos.



“Agora para mim ter amigas é ter alguém que a qualquer momento pode acabar e ninguém pode ficar arrependido, porque todos estamos claros da situação tanto eu como ela... e isso é um pequeno relacionamento de curto prazo.”

HOMEM – ZONA RURAL – MANICA

“*Sim elas precisam de comer, vestir roupa da moda, ir para a escola, outras até precisam de sustentar seus filhos, mas não podem fazer nada se não ir a procura de alguém em especial que lhes possa garantir uma ajuda para pelo menos atenuar a situação de momento.*”

RAPARIGA - ZONA

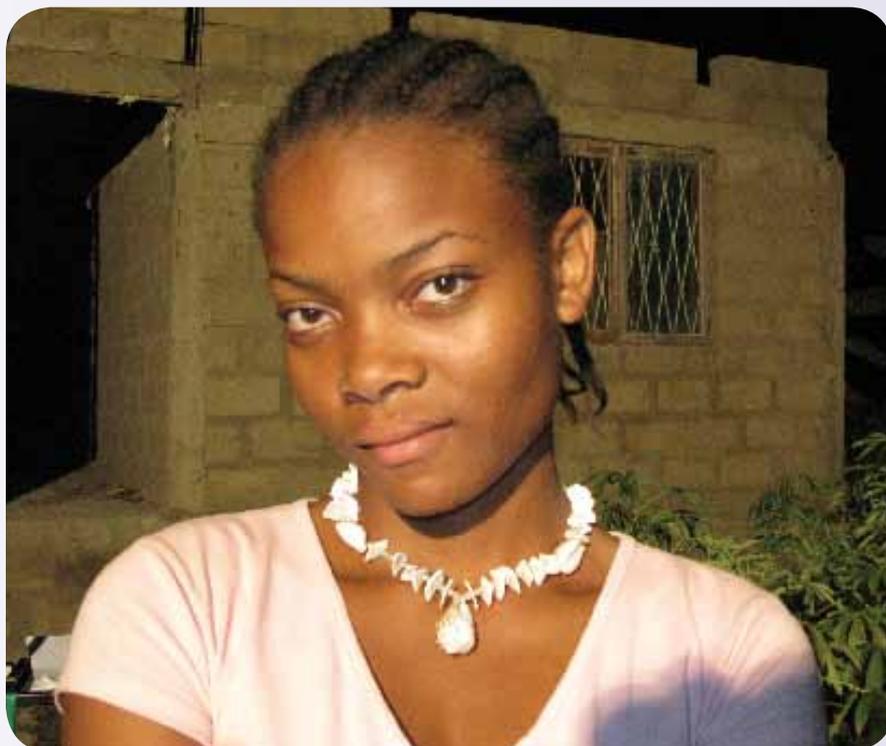
URBANA - LICHINGA

Pelo contrário, para as mulheres, o "amigo" é na maior parte das vezes um segredo e por isso com ele há pouca frequência conjunta em espaços públicos. Para algumas das mulheres entrevistadas, a cultura ensina ao homem a ter sempre uma amiga íntima e à mulher a não dizer "não". O amigo é visto para as casadas como factor estabilizador da relação conjugal quando esta passa por momentos de instabilidade, alguém a quem se pode recorrer para assegurar a harmonia conjugal.

Existem igualmente diferenças em termos de extensão da rede de amigos que homens e mulheres podem ter. Enquanto que homem pode ter, e tem, muitas "amigas", pelo contrário, no caso da mulher considera-se que ela deve ter poucos ou um único "amigo". A amizade íntima é uma espécie de pacto sem contrapartidas, e em ambos os casos, embora possa assumir um carácter efémero cujo término é imprevisível com assunção implícita e colectivamente partilhada de que a ruptura não pode gerar danos e/ou prejuízos para os parceiros envolvidos, como se elucida com as falas:

"Eu não tenho filhos nem sou casado, mas tenho amigas sem compromisso, porque ainda estou a me formar, então não quero compromisso, porque pode atrapalhar os meus estudos. Enquanto não acabar vou tendo algumas amigas para não ficar sozinho, mas também faço tudo com camisinha."

(HOMEM - ZONA URBANA - TETE)



V. Motivações para envolvimento em redes de múltiplos parceiros

O engajamento em relacionamentos múltiplos e simultaneamente co-ocorrentes possui diversas motivações que variam de acordo com o contexto em que os indivíduos estão inseridos: as condições sócio-económicas; crenças; aspectos culturais; dinâmicas sociais e de género; construção sócio-sexual dos indivíduos, entre outras.

V.1. Factores socioeconómicos

V.1.1. A pobreza feminina

Os homens e mulheres abrangidos pela pesquisa, tanto no contexto rural como urbano, realçam que nestes contextos as mulheres são as mais susceptíveis a envolver-se neste tipo de relacionamentos, pois tradicionalmente as relações de género determinam que tenham menos oportunidades de educação, acesso a recursos financeiros e rendimento. Como referem, algumas ou parte significativa das mulheres envolvidas em relações com múltiplos parceiros nas suas comunidades estão nelas por falta de oportunidades e recursos para alimentação e educação, ou ainda, para satisfazer os seus desejos em termos de aquisição de bens de consumo diversos. Neste sentido, o envolvimento com múltiplos parceiros e co-ocorrentes é entendido como constituindo uma das estratégias de sua reprodução individual e colectiva, uma forma de manter a sobrevivência e mesmo de melhoria da condição socio-económica:

"É o seguinte: trocamos de namoradinhos porque não temos nada. Por exemplo: uma pessoa que não tem pai, mãe, estuda e depende de si próprio, ajuda a família, uma família que não nos ajuda em casa, então, essa pessoa vai ter que se virar sozinha. Vai aqui encontrar-se com Joãozinho te dá algum dinheiro; mas vem um outro namoradinho que tem mais e eu prefiro pular para aquele que tem mais porque eu sustento-me a mim própria, não trabalho, estudo."

(RAPARIGA - ZONA URBANA - NAMPULA)

“Outras miúdas fazem isso por capricho, porque querem andar com pessoas que tem carro ou passear de carro para outras terem inveja dela.”

RAPARIGA - ZONA

SEMI-RURAL - TETE



“As moças trocam de namorados copiando o que as outras fazem. Outras ainda quando vêm que as amigas possuem boa roupa, andam limpas e os seus namorados não podem lhes dar dinheiro para também comprarem roupas e andarem limpas, trocam logo de namorado.”

HOMEM - ZONA RURAL - BEIRA

"É assim, eu que estou a falar agora sou pobre; porque? Eu trabalho sim, mas eu tenho mais ambições, quero estudar mas não tenho como. Hoje pode aparecer uma pessoa dizer: - Meli, está aqui uma bolsa, mas para esta bolsa tens que ter um assunto comigo -, e, eu quero estudar. No teu lugar o que farias? Eu não posso deixar esta bolsa ir embora, eu me entrego na hora; eu sou pobre mas quero estudar."

(RAPARIGA - ZONA URBANA - PEMBA)

Embora tenha sido feita referência a esta vertente de motivações em todos os locais abrangidos pela pesquisa, foi notória uma maior tendência em considerar que o apelo a estas estratégias predomina em contextos urbanos. Em muitos dos casos referidos, as mulheres envolvidas, na sua maioria jovem, fazem-no com o beneplácito e mesmo pressão dos progenitores e/ou familiares mais velhos com quem coabitam:

"Também há outros jovens que são obrigados pelos próprios pais a terem que mudar sempre de parceiros porque às vezes um jovem não faz isso por querer, mas faz isso porque a mãe lhe obriga para trazer qualquer coisa em casa para sustentar a família, tenho visto muitas moças que as mães apoiam a vida que levam porque acha que aquilo é melhor, a filha pode trazer qualquer rendimento em casa, daí os relacionamentos são curtos."

(RAPAZ - ZONA URBANA - MAPUTO)

"Não só, há pais que obrigam as filhas ou incentivam a terem muitos parceiros para terem dinheiro para viverem."

(RAPARIGA - ZONA SEMI-RURAL - TETE)



V.1.2. O consumismo/caprichos

A procura de bens materiais não está necessariamente ligada à pobreza. Outro aspecto que serve de motivação ao envolvimento em relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes e que muitas vezes é associado a factores socio-económicos é o consumismo. Este fenómeno foi referido em muitos contextos e tem como característica a procura de bens considerados supérfluos, caprichos.

Dados colhidos nas entrevistas referem que localmente um número considerável de mulheres e raparigas envolve-se com múltiplos parceiros, normalmente com maior potencial económico, com o objectivo não necessariamente de suprir as suas necessidades básicas, mas para obter recursos que permitam a aquisição de bens de consumo e/ou de luxo como telefones celulares, vestuário de marca e na moda, passeios de automóveis entre outras benesses.

"A ambição que as moças têm de querer ter coisas que estão na moda obriga-lhes a envolver-se com muitos homens para ver se adquirem dinheiro para comprar estas coisas que elas precisam."

(HOMEM-ZONA RURAL - BEIRA)

"Podes ter uma relação com uma única pessoa, mas é difícil porque podes querer umas calças bem caras, mas ele não vai comprar para ti porque não tem dinheiro, por isso acabamos tendo outros parceiros como forma de arranjar dinheiro para comprarmos o que nós queremos."

(RAPARIGA - ZONA RURAL - MANICA)

“É porque os homens sempre tiveram direito de ter mais que uma namorada e nós as mulheres não temos esse direito.”

RAPARIGA - ZONA SEMI-RURAL - TETE



Como se pode depreender, um dos objectivos do envolvimento com múltiplos parceiros é a busca de recursos financeiros ou bens para seu usufruto. Esta necessidade é igualmente permeada por processos de mimetismo social e de clara vontade de diferenciação e distinção social a nível local:

"Mas eu penso que o interesse conta; há casos em que posso ter uma amiga com condições financeiras, poderem, isso mais aquilo, e eu não posso, e acabo me metendo com esta ou aquela pessoa para poder alcançar aquilo que minha amiga tem..."

(MULHER – ZONA URBANA – NAMPULA)

“Também acho que outras fazem por orgulho para dizer que ela é a melhor da zona ou anda com os melhores homens da zona ou que já dormiu com todos, ou para se sentir bonita.”

RAPARIGA - ZONA

SEMI-RURAL - TETE

"Para as mulheres quanto mais você tem várias mulheres, mais mulheres te querem, e te precisam; pelo menos nesta cidade, não sei noutras cidades. Elas pensam que o X tem tantas mulheres, por causa do que ele dá às mulheres. Então, outras moças querem experimentar também, para ver o que é que vai receber da pessoa."

(RAPAZ - ZONA URBANA - PEMBA)

V.2 “Faz parte da nossa cultura”

Existem vários factores socioculturais que explicam a existência de redes de parceiros múltiplos e co-ocorrentes. O papel jogado pela cultura para catalisar o fenómeno é globalmente partilhado pela maioria dos abrangidos pela pesquisa. A cultura é aqui referida como o universo de conhecimentos, idéias, percepções, práticas e predisposições contextualmente partilhadas que os indivíduos apreendem ao longo da vida e que por sua vez, têm a característica potencial de moldar, estruturar os seus comportamentos. A cultura é entendida não como algo estático, mas como uma realidade que muda ao longo do tempo pela acção dos indivíduos que a podem manipular e instrumentalizar para dela tirar vantagens diversas. É recorrente os entrevistados atribuírem à "cultura" a causa deste fenómeno de multiplicidade de parceiros, argumentando na anterioridade – "sempre foi assim, mesmo no tempo dos nossos avós" – e na necessidade da sua continuidade e perenização – "vai ser sempre assim" – aliado a um aparente pacifismo e dificuldade de gerar mudança.

Como se elucidará, as percepções que tanto os homens como as mulheres entrevistadas possuem e constroem sobre as motivações por detrás da existência de redes de parceiros múltiplos e co-ocorrentes assumem diversos contornos e ênfases, podendo acomodar causas, justificações e escolha de normas sociais e tradições.

V.2.1. Ideologias sobre a masculinidade

A ocorrência de relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes não se explica apenas a partir das condições socio-económicas dos envolvidos ou dos benefícios monetários ou bens materiais e supérfluos de que os envolvidos possam tirar vantagem; a ocorrência do fenómeno está associada também a processos locais de construção social da identidade masculina e feminina, ou seja, do que se considera que são, devem ser e fazer um homem e uma mulher.

A legitimidade destes relacionamentos é sustentada por um conjunto de crenças e estereótipos – que naturalizam e até divinizam o comportamento sexual de um homem e o de uma mulher.

Os diferentes tipos de estereótipos e representações que circulam sobre as motivações relativas a este fenómeno apontam primeiro para uma mistura de representações sobre a masculinidade. A afirmação da masculinidade nos contextos estudados constitui o principal factor que motiva os relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes. A masculinidade está directamente associada ao falo e ao seu uso com o maior número de mulheres possível. O processo de construção da virilidade, mais designado por "Homem de verdade" passa por ter e/ou manter relações sexuais com o maior número de mulheres possível, como evidenciam os depoimentos:

"Há homens que querem mostrar a sua posição de homem e procuram ter mais de uma parceira para serem vistos como sendo realmente homens."

(HOMEM - ZONA SEMI-RURAL - INHAMBANE)

“Existem pessoas que dizem que você não pode se alimentar só de pão e manteiga, então como se diz que quem varia os alimentos é saudável, logo ter muitas damas ou namoradas é bem visto.”

RAPAZ - ZONA URBANA - PEMBA



“**Eu posso dizer que para o casamento o sexo é para ter filhos e para satisfação mútua e quando não há essa satisfação a mulher bem como o homem acabam saindo para fora à procura dessa satisfação.**”

RAPARIGA – ZONA RURAL – MANICA

"Para os homens não é só pela satisfação pessoal, mas existe aquela idéia de dizer que ter muitas parceiras é ser um grande macho e garanhão que manda na zona. Tem 4, 5 a 6 namoradas e sente-se poderoso na região. As pessoas fazem isso para serem ditos que são os mais mais da zona."

(HOMEM – ZONA RURAL – MANICA)

"Para mim acho que é uma questão da natureza do homem, não se satisfazer com uma relação sexual."

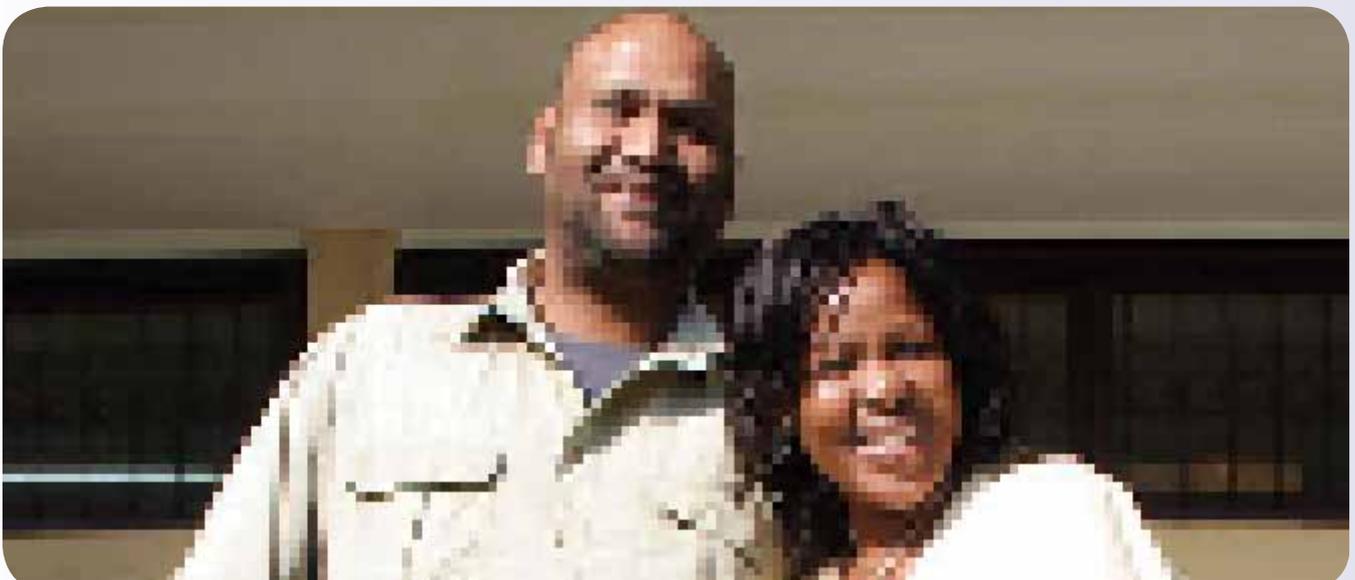
(HOMEM – ZONA SEMI-RURAL – INHAMBANE)

"Acho que é um jogo, porque para os homens dizem que está na moda ter várias, quando aparece um dizendo que só tem uma namorada não parece ser nada perante os outros, para demonstrar o seu machismo ele tem que aparecer com várias namoradas."

(RAPAZ – ZONA URBANA – MAPUTO)

"Você encontrou-se com uma miúda e se não dizes nada parece que você é um homem parado, porque não falou nada. Por isso, o homem tem de falar, então é uma crença que nós temos de que não podes estar ao lado de uma mulher sem dizer nada... só que essa crença é que motiva a tal dieta sexual, nós já temos aquilo como uma cultura..."

(HOMEM – ZONA RURAL – CHOKWÉ)



Os estereótipos que definem identidade masculina, vulgarmente denominada por "machismo" constroem-se à volta da ideia de um "direito natural" de que o homem goza, e que o impele à necessidade de envolvimento sexual com mais do que uma parceira. Parte desta natureza masculina está o facto de os homens não conseguirem gerir e/ou dominar seus instintos sexuais. A ideia é baseada no pressuposto de existir uma dieta sexual análoga a alimentação, na qual a variedade é benéfica à saúde, e transposto isto para o campo da identidade, variar de mulheres faz parte de ser Homem e seria salutar para a condição masculina.

O direito natural do homem, embora questionado, é tolerado de forma diferenciada pela sociedade. Este age de forma simultânea com outros estereótipos para perenizar estas situações. Noutra variante das crenças legitimatórias, considera-se a motivação pelo respeito da mulher como explicando a tendência dos homens em envolver-se com muitos parceiros. De acordo com dados das entrevistas, os homens fazem-no porque pensam e acreditam que não podem ter somente uma mulher porque quando tal ocorre estas não os respeitam.

"Eu acho que também os homens têm na cabeça de que eles são poucos então acabam conquistando muitas meninas de forma que elas também possam ficar acompanhadas."

(RAPRIGAS – ZONA URBANA – BEIRA)

"Não sei, mas desde sempre que o homem tem sempre esse direito, e por isso que até há zonas com homens que chegam a casar ou viver com duas ou três mulheres, mas nunca ouvi dizer que uma mulher casou com dois homens (risos)."

(RAPARIGA – ZONA SEMI-RURAL - TETE)

“Acho que as vezes também é carência. Você fica em casa, o namorado vai para fora e fica tanto tempo lá; o que a mulher faz? Sai de casa vai a procurar de outro porque a mulher está a procura de alguém que lhe dá carinho.”

RAPARIGA - ZONA URBANA - NAMPULA



A questão de respeito está e é associada à crença no dever masculino de ter múltiplas parceiras para «deixar descansar a(s) sua(s) esposa(s)». Referida em muitos dos contextos rurais abrangidos pela pesquisa, a crença é tida como partilhada pelas próprias mulheres que esperam que os homens ajam dessa forma.

V.2.2. A tolerância à infidelidade masculina

Este é um dos motivos que conduz indivíduos a envolverem-se em redes de múltiplos parceiros. Embora na sua versão tradicional ter múltiplos parceiros, seja geralmente considerado sinónimo de masculinidade e de virilidade para os homens e, muitas vezes, referido como direito exclusivo destes, os dados dos abrangidos pela pesquisa revelam uma certa dinâmica nas práticas sociais: a motivação pelo orgulho, reputação, honra, notoriedade e vontade de distinção e de hierarquia no grupo/comunidade para quem se envolve em relacionamentos múltiplos impele também as mulheres, contribuindo para a construção de novas formas de identidade e/ou subjectividades feminina, distintas daquelas em que as mulheres não eram protagonistas principais em processos de construção de identidades sexuais:

“Eu acho que procuram em outros parceiros aquilo que não encontram no seu próprio parceiro, tal como compreensão, conversa, diálogo. Muitos não conseguem abrir-se com seus parceiros.”

RAPARIGA – ZONA URBANA – BEIRA

"Bem, outras pessoas fazem-no porque querem se sentir apreciadas por todos e sentem orgulho por terem tido relações sexuais com todos, porque isso faz-lhes da melhor mulher da zona."

(RAPARIGA - ZONA URBANA - NAMPULA)

"Também é porque querem ganhar fama, vendo uma senhora a namorar com um jovem está ganhar fama é mais velha mas tem namorado jovem, ganha fama de namorar com jovens."

(RAPAZ - ZONA URBANA - MAPUTO)

Estas mudanças são corroboradas pelas respostas colocadas em relação à pergunta de quem dentre homens e mulheres procurava mais parceiros. Apesar da resposta marcada pelas dinâmicas de construção de identidades sexuais expostas acima, a audiência partilha a ideia de que ambos os homens e mulheres são protagonistas na procura de múltiplos parceiros.

Para estes contextos e grupos, o facto da sociedade aceitar e legitimar que homens tenham várias parceiras contribui para que o homem esteja sempre procurando outras mulheres.

"Eu sou de opinião que tanto homem como mulher procuram, até porque muitas vezes o homem é caçado sem se aperceber, ele pensa que está a caçar mas no fundo nós é que caçamos ele. Olhem, o homem que tem muitas parceiras, essas parceiras não estavam desocupadas quando se envolveram com esse homem, também tinham parceiros."

(RAPARIGA – ZONA URBANA – NAMPULA)

O contexto permissivo diferenciado para homens e mulheres em relação à infidelidade é outra das variantes identificadas como justificando e explicando os níveis diferentes de envolvimento em redes de parceiros múltiplos e co-ocorrentes para homens e mulheres. A sociedade é considerada como frequentemente tolerando mais a infidelidade dos homens do que a das mulheres. Se a mulher pratica infidelidade, esta é punida, enquanto que ao homem nada acontece. Esta tolerância diferenciada é construída pela sociedade ao longo do processo de socialização, o que justifica a sua reprodução ao longo dos tempos, sobretudo em contextos onde são dominantes as ideologias patriarcais :

"Por exemplo, todos homens traem ou têm mais que uma namorada e isso é normal, mas quando é uma mulher a fazer a mesma coisa as pessoas falam mal."

(RAPARIGA - ZONA SEMI-RURAL - TETE)

"É assim, porque exige-se mais fidelidade da parte da mulher do que do homem, porque a mulher foi educada para ser fiel e obediente ao seu marido, porque ela é que vai para o lar e não o homem."

(RAPARIGA - ZONA SEMI-RURAL - TETE)

“Os maus tratos que algumas mulheres estão sujeitas com seus maridos (violência doméstica) obrigam as mulheres a terem que acabar com os seus casamentos e a procurarem outros homens com quem se possam casar e se sentirem bem.”

HOMEM - ZONA RURAL NHAMATANDA



“*Por exemplo, todos homens traem ou têm mais que uma namorada porque isso é normal, mas quando é uma mulher a fazer a mesma coisa as pessoas falam mal.*”

RAPARIGA - ZONA SEMI-RURAL - TETE

Há mais permissividade com relação ao envolvimento com múltiplos parceiros para homens que para mulheres. Quando este ocorre com as mulheres, enquadra-se numa outra faceta do processo de construção da identidade feminina, sobretudo em contextos mais ruralizados (embora não seja exclusivo) onde as mulheres são socializadas para serem mães e esposas e, onde é considerado vergonhoso possuir em casa uma mulher adulta solteira, sendo preferível que tenha um homem casado ou comprometido do que ficar sozinha.

O que se percebe é que as justificações e processos legitimatórios da ocorrência de relações com múltiplos parceiros e co-ocorrentes são permeados por ideologias patriarcais que prescrevem atitudes de aceitação diferenciadas para homens e mulheres envolvidos nestes relacionamentos.

Para os homens, o facto de ter múltiplos parceiros não é tido como uma questão digna de ser posta em causa, o que transparece é a percepção de que é da natureza da sexualidade masculina ter muitas parceiras, cujo número pode ser ilimitado e, evidentemente, uma prática socialmente apropriada para marcar a virilidade, estatuto e reputação de "Homem", contrariamente ao que, acontece com a sexualidade feminina, que mais do que a dos homens é objecto de prescrições e classificações desonrosas como "vadia", "prostituta", "puta" e "sofredora". Contrariamente aos homens, a probabilidade de a mulher se envolver com muitos parceiros é uma menos valia



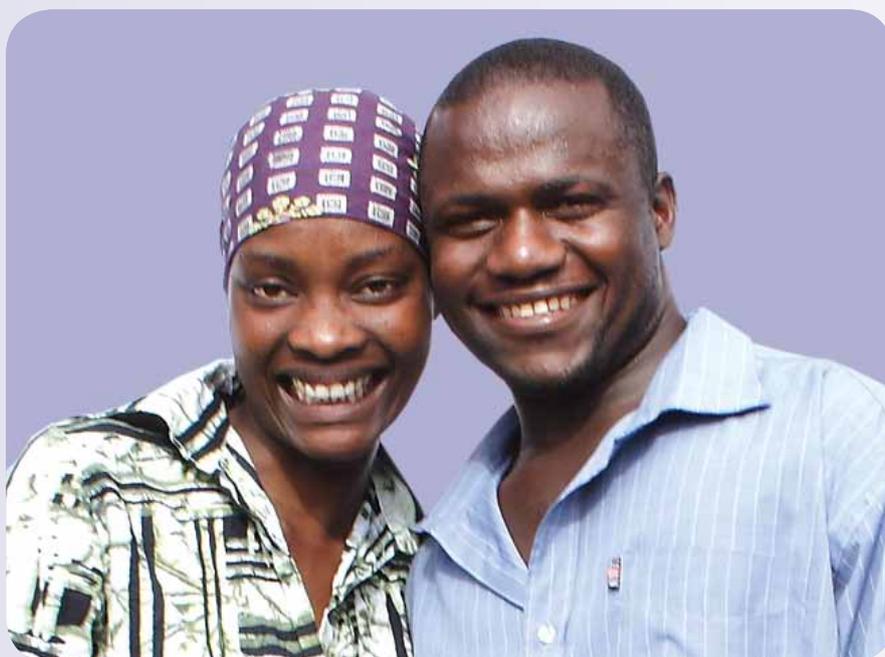
e concorre para a redução do seu *status* social na sua comunidade.

V.2.3. A (in)satisfação emocional e sexual

A prática de relações sexuais é um factor agenciador das relações sociais e dependendo das experiências pessoais ele age simultaneamente como factor catalisador e limitante do envolvimento dos indivíduos em redes de relacionamentos com múltiplos parceiros. Para além da questão da procriação indicada atrás, a prática sexual é vista como a base do relacionamento fora e dentro do casamento, agindo simultaneamente como factor estabilizador e de ruptura das relações mantidas com o parceiro primário.

Existe uma percepção diferenciada do papel de sexo dentro e fora do casamento. Em linhas gerais, dentro do casamento, o papel da prática sexual está associada a questões reprodutivas. É também uma forma das pessoas exprimirem seu sentimento de amor e afecto para com os seus parceiros. Ele é a base do casamento, completa-o, salva-o, mantém a estabilidade do lar e, sobretudo, mantém o parceiro em função da satisfação que é supostamente proporcionado pelo acto.

Para os entrevistados o sexo tem também um potencial papel de unir duas pessoas e garantir a durabilidade dessa união. Para as mulheres, "um bom sexo" pode "prender" o marido a ela; mesmo que esse marido tenha um relacionamento extra-conjugal, o sexo faria este homem pensar nela, e em muitos casos, iria trazê-lo de volta. Assume-se que o sexo também cria estabilidade no relacionamento porque casais sexualmente satisfeitos dificilmente são infieis.



“Para mim não leva muito tempo porque o homem tem que ser mafioso, porque tem que mentir aqui, tem que mentir ali. No caso das mulheres também não dura muito tempo porque ela é obrigada a mentir e não é fácil ter dois namorados, se hoje eu não consigo ir ter com o João é porque estou com o António então há sempre aquela máfia.”

HOMEM- ZONA RURAL- INHAMBANE

“Essa relação depende muito das condições que te oferecem. Se as condições estiverem lá, a relação pode continuar, mas se as coisas já não estão lá, a relação também desaparece. Os homens muitas vezes basta te terem também vão a procura de outras.”

RAPARIGA – ZONA URBANA – NAMPULA

"O sexo também pode servir para manter o homem ou o teu parceiro, porque quando o homem se sente bem sexualmente contigo mesmo que brinque lá fora sempre volta porque o sexo faz com que as pessoas se gostem mais, pode não ser amor, mas gostarem-se."

(RAPARIGA – ZONA SEMI-RURAL – TETE)

"Para mim o sexo é importante, porque cria estabilidade numa relação, porque quando as pessoas se sentem bem na cama com seus parceiros, dificilmente traem o seu parceiro."

(RAPARIGA – ZONA URBANA – NAMPULA)

"Eu acho que o sexo é importante sim, porque ele salva o casamento de várias tentações externas e de traição. Então é preciso dar ao seu marido aquilo que ele precisa para não procurar fora."

(RAPARIGA – ZONA URBANA – LICHINGA)

"É importante a satisfação sexual dentro do casamento porque quanto mais o casal mantém relações sexuais mais fortifica a relação."

(RAPAZ – ZONA URBANA – PEMBA)

"A troca de namorados por parte de moças aqui em Nhamatanda é vista como sinónimo de fama para elas, e isto faz com que os relacionamentos não sejam duradouros (...) Esta prática não é só de moças, é também hábito de moços."

(HOMEM-ZONA RURAL- NHAMATANDA)

"Eu acredito que na sociedade em que vivemos ambas as



partes tanto o homem como a mulher sentem o mesmo prazer. Já não existe aquilo de que uma mulher não pode conquistar um homem, ela conquista e o homem aceita e vice-versa."

(RAPARIGA – ZONA URBANA – BEIRA)

"Também quando a mulher trai, o homem pode lhe mandar embora, mas quando é o homem a trair ninguém lhe manda embora, porque ele é homem..."

(RAPARIGA - ZONA SEMI-RURAL - TETE)

No geral, a carência de afecto e (in)satisfação sexual é referida como conduzindo grande parte de homens e mulheres a procurar relacionar-se com múltiplos parceiros. A insatisfação sexual está ligada a expectativas também criadas em relação ao desempenho sexual do parceiro. Refere-se que tanto homens e mulheres, se envolvem com múltiplos parceiros quando o parceiro primário, cônjuge e/ou namorado não é ou deixa de ser "bom na cama" ou deixa de lhe proporcionar prazer suficiente.

Embora esta procura ocorra com maior frequência entre os homens, ela ocorre igualmente do lado das mulheres, ou porque o marido/parceiro está ausente ou porque este já não satisfaz as suas expectativas em relação ao acto sexual procurando assim outro parceiro. A insatisfação pode estar ligada sobretudo à falta de prazer sexual que muita das vezes é atribuída à monotonia que caracteriza certos ciclos de desenvolvimento de uma relação conjugal e/ou de namoro mais ou menos duradouro:

"Acho que as vezes também é carência. Você fica em casa, o namorado vai para fora e fica tanto tempo lá; o que a mulher faz? Sai de casa vai a procurar de outro porque a mulher está a procura de alguém que lhe dá carinho."

(RAPARIGA - ZONA URBANA - NAMPULA)

“Temos também relacionamentos de aventura, esse aí muitas vezes é de curta duração. Tem sido uma noite, um instante, é por isso que se chama aventura, porque passa logo...”

MULHER – ZONA URBANA – NAMPULA



"Muitas vezes, quando não há entendimento entre o casal, os nossos maridos arranjam uma amante fora e deixam de ter aquela atenção que tinham... estás a ver? Já não têm aquele carinho que tinham, tudo muda dentro de casa e é aí que a mulher acaba por se sentir só e procura alguém."

(MULHER – ZONA URBANA – MAPUTO)

V.2.4. A busca do prazer e da maturação sexual

A análise das percepções que os homens e mulheres têm das vantagens e desvantagens de MCP mostra que envolver-se com múltiplos parceiros é uma ocasião de aprendizado de experiências, de aquisição de novas habilidades e competências para além do parceiro primário. Tanto homens como mulheres partilham a concepção de que o sexo com outros parceiros é guiado pela necessidade de busca de prazer e maturação nesse exercício.

"Uma das vantagens de ter muitos parceiros é o de novas experiências e novas idéias que vão surgindo também estar sempre com a mesma pessoa sinceramente cansa porque eu principalmente não gosto de me cansar das coisas, eu pelo menos gosto de variar, por isso eu disse são novas experiências, a pessoa vai adequando novos prazeres, a pessoa vai tendo novos prazeres sexuais, vai criando criatividade na relação."

(RAPARIGA – ZONA URBANA – BEIRA)

“Por exemplo, todos homens traem ou tem mais que uma namorada porque isso é normal, mas quando é uma mulher a fazer a mesma coisa as pessoas falam mal.”

RAPARIGA - ZONA SEMI-RURAL - TETE



Uma das variantes que decorre da insatisfação sexual e da monotonia é o envolvimento em redes de múltiplos parceiros por sentimento de vingança. Refere-se que este sentimento impele tanto homens como mulheres mas com maior incidência nestas últimas, que o fazem como represália a uma atitude e evento similar protagonizados pelo seu parceiro. Crê-se que a falta de fidelidade por parte dos homens cria, em certas mulheres, um espírito de revolta que muitas vezes leva à «vingança» que passa pelo cometimento de atitude similar, levando a mulher a ter outro parceiro ou parceiros.

A vingança também surge em determinados contextos como resposta à violência doméstica, abusos e maus tratos cujo protagonista é, na maioria das vezes, o homem. Esta violência é considerada como um dos factores que também levam as mulheres a procurar outros relacionamentos. A insatisfação sexual e emocional associada à pressão dos pais que obrigam as mulheres a envolverem-se em relações interesseiras para o bem da família também é apontada.

"Os maus tratos também, quando a pessoa está dentro de uma relação que é maltratada, não é acarinhada, é violentada, não é respeitada a tendência é de mudar de parceiro para encontrar alguém que as faz bem e isso pode levar muito tempo enquanto isso vão mudando namorados, faz com que não consigam adaptar-se num único relacionamento."

(RAPAZ - ZONA URBANA - MAPUTO)

V.2.5. A influência dos pares/amigos

A pressão de pares (amigos, principalmente, e/ou indivíduos da mesma geração) é um factor que contribui para o envolvimento em redes de relações com múltiplos parceiros. Esta influência ocorre de duas formas: para os rapazes, manter sexo com várias raparigas é forma de mostrar e provar que não é "tapado", não é "matreco", é uma forma de integrar novos círculos de amizade. Para as raparigas, esta ocorre no contexto de acesso e disponibilidade a determinados bens, sobretudo de consumo. Tanto do lado dos rapazes como das raparigas, esta pressão pode estar ligada a formas de expressão da sexualidade e intimidade como foi referido acima:

"É assim, nós temos tido conversas entre mulheres e dentro das nossas conversas ela pode dizer, sei lá mesmo... que "meu namorado gosta disto, eu faço aquilo," ela conta isso para mim e eu também posso levar isso comigo para ver se o meu namorado também fica satisfeito."

(RAPARIGA - ZONA URBANA - PEMBA)

“Os homens também influenciam as moças a terem que trocar de namorados, porque eles vão atrás de uma moça na tentativa de conseguir ter elas como sua namorada mesmo sabendo que esta moça tem dono.”

HOMEM - ZONA RURAL - BEIRA

“Bem, eu acho que agora com muita gente a morrer de HIV/SIDA, as pessoas começaram a usar, porque já estão a ver que é verdade, mas também não sempre porque existem aqueles que dizem que não se sentem bem quando usam o preservativo, porque incomoda e não demora cair.”

HOMEM - ZONA RURAL - TETE

"O que acontece para a nossa própria actividade sexual é que nós somos modelos entre nós mesmos, isto é, conversamos entre nós, ou seja, o jovem aprende a actividade sexual com outros jovens, nas conversas por aí em dia. Eu acho que devia haver alguém de cada família, mas isso motivado por um tabu."

(RAPAZ - ZONA RURAL - ZAMBÉZIA)

VI. Funcionamento e gestão de relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes

VI.1. Das regras de jogo: entre o silêncio e a mentira

O funcionamento e modo de gestão de relacionamentos com múltiplos parceiros e co-ocorrentes foram uma das componentes de análise privilegiadas, sobretudo, para a compreensão das dinâmicas quotidianas que condicionam o estabelecimento e manutenção destas formas de relacionamento.

Uma das principais e primárias características do funcionamento é o estabelecimento de "regras de jogo" para melhor gestão. As regras de jogo constituem uma espécie de código de conduta que prescrevem atitudes e comportamentos diversos, sobretudo a adoptar quando se está com o parceiro primário, nomeadamente namorado/a ou marido/mulher.

A preocupação para estabelecimento destas regras ocorre maioritariamente para algumas mulheres. Diferentemente dos homens, estas são tidas como as que mais se preocupam em "abrir o jogo" ao novo parceiro e definir normas de funcionamento da relação, sobretudo com vista a não permitir que a nova relação interfira e crie instabilidade na sua relação com o parceiro primário.



"Eu tenho meu amigo que eu o considero bonito, depois aparece o segundo. Quando aparece o segundo tenho que dizer à pessoa que existe um, aquele que eu amo, aquele que eu sinto que está tudo legal; então eu digo: Me queres? Tens que conseguir me respeitar, se me veres com ele não me conheces, se eu também calhar com tua mulher não te conheço. Mas, quando chega aquela nossa hora é nossa hora e prontos, é assim."

(RAPARIGA - ZONA URBANA - PEMBA)

"Para mim acho que é o seguinte: isso parte um pouco dos homens. Tu ficas em casa com um homem, eu fico com meu namorado em casa mas ele não me considera, hei-de ir procurar outra pessoa para lhe dar carinho mas eu vou conseguir gerir. Por exemplo: estou com o meu namorado e vou para rua, surge qualquer fulano, aquele meu amigo, tenho que fingir que não conheço e ele também fingir que não me conhece, e quando é a hora marcada tenho que ir para lá, sacar as cenas normalmente."

(RAPARIGA - ZONA URBANA - NAMPULA)

Como se depreende, o envolvimento e manutenção de mulheres em relações com múltiplos parceiros é condicionada pela sua capacidade de, a partir do momento em que se envolvem com um novo parceiro, gerirem uma vida de silêncio e/ou de segredos perante o parceiro primário e subsequentes parceiros. Esta situação está relacionada com o quadro diferenciado das motivações que impelem homens e mulheres a envolverem-se neste tipo de relacionamentos.



“Algumas pessoas usam preservativo, mas não todas, alguns homens não gostam de usar porque pensam que quem usa é porque desconfia de ter HIV/SIDA, então para mostrar que estão bons preferem não usar.”

HOMEM - ZONA URBANA - MAPUTO

Quanto aos homens, crê-se pelas afirmações da maior parte dos entrevistados que, embora haja preocupação em estabelecerem e/ou se acomodarem às regras de jogo estabelecidas, os seus relacionamentos são geridos com base na sua capacidade de mentir às suas parceiras e de satisfação das expectativas materiais e emocionais das mesmas. Contrariamente à "abertura do jogo" preferida pelas mulheres, a mentira junto à parceira primária e ocultação do seu estado matrimonial junto às parceiras co-ocorrentes caracteriza o modelo de funcionamento e gestão de múltiplos parceiros da parte dos homens.

VI.2. Determinantes da duração da relação

Na análise do funcionamento e gestão de relacionamentos com múltiplos parceiros e co-ocorrentes, a duração da relação foi outro aspecto que mereceu atenção. Esta, em muitos casos, depende do potencial de satisfação das necessidades (materiais ou emocionais) que conduziu ao envolvimento do indivíduo e do tipo de relacionamento. No geral, crê-se que os relacionamentos movidos por interesses materiais têm tendência de durar enquanto as condições subsistirem:

"Se alguém não tiver condições financeiras corre o risco de não conseguir namorar com ninguém, porque nós namoramos esperando que o damo depois vai dar alguma coisa do tipo comprar uma recarga de telefone, uma calcinha, então sem dinheiro eu pulo fora e isso é relação de interesse porque eu entro na relação a saber que quero algo em troca."

(RAPARIGA – ZONA URBANA – BEIRA)

No que concerne ao amantismo e, por extensão, à aventura, estas aparecem como formas de relacionamento com múltiplos parceiros de curta duração. Protagonizadas em sua maioria por homens, este tipo de relações não se estende por mais tempo porque se crê que a mulher deixa de ter interesse pelo homem quando este satisfaz as suas expectativas e sobretudo alcança o que mais deseja na mulher, a efectivação da relação sexual:

"A mulher deixa de ter interesse depois de fazer sexo talvez por causa de ser a segunda, a principal é aquela que está connosco, que podemos fazer "N" vezes a vontade, sonhamos com ela e desenhamos planos para o futuro."

(RAPAZ – ZONA URBANA – PEMBA)

“Demora se vir,
porque quando
não se tem
preservativo a
pessoa já... as
sensações são
outras, a pessoa
já consegue vir
logo enquanto
que quando tem
o preservativo
demora é
chato!...”

MULHER – ZONA URBANA – MAPUTO

"Sim a relação de amantismo dura pouco porque muitas vezes que os homens procuram ter uma relação um pouco séria de amantismo com uma parceira é porque a mulher se encontra ou na fase última de uma gravidez ou porque acabou de ter bebé, ou porque se encontra a trabalhar fora do local ideal que lhe facilite se encontrar regularmente com a mulher."

(RAPARIGA - ZONA URBANA - LICHINGA)

O comportamento dos parceiros envolvidos numa relação de amantes pode condicionar a duração da relação. A falta de respeito e a manifestação de atitudes de ciúmes, que por sua vez revela fraca capacidade de manter o silêncio, são referidos como factores que facilitam a ruptura da relação.

O mesmo não ocorre com a amizade íntima, que é considerada mais duradoira que a anterior devido à falta de compromisso e de exigências de ambas as partes, o que supõe o cumprimento das regras de jogo estabelecidas inicialmente:

"Este tipo de relação (amigo íntimo) às vezes dura muito porque não tem compromisso, então não há muita exigência, tudo é feito quando podem, então acaba durando muito, não é como uma relação séria, com muito exigência e tens ciúmes do namorado."

(RAPARIGA - ZONA SEMI-RURAL - TETE)



“...obriço a ela sob ameaças. Se ela conseguir resistir e dizer: amor hoje se você não põe preservativo não vai ter relações sexuais é certo que não há-de haver, mas muita das vezes isso é difícil para muitas mulheres.”

(RAPAZ - ZONA URBANA - MAPUTO)

VII. Parceiros múltiplos co-ocorrentes e HIV & SIDA

Outro eixo de análise da pesquisa foi explorar a relação que a audiência estabelece entre parceiros múltiplos e co-ocorrentes e o HIV e SIDA. Interessou à pesquisa apreender as percepções desta sobre a vulnerabilidade e riscos que se correm ao envolver-se em redes de múltiplos parceiros e co-ocorrentes e a potencial correlação que se faz entre esta prática e o potencial preventivo do preservativo.

VII.1. Percepções da vulnerabilidade e riscos no contexto de relações com múltiplos parceiros

A avaliação da percepção do risco entre a audiência ilustra que, de forma geral, o envolvimento em redes de relações com múltiplos parceiros catalisa o potencial de HIV, mas este risco não é o primeiro, este situa-se no campo mais vasto de situações de risco social que são mais valorizados e temidos. Questionados sobre riscos de envolvimento em relações com múltiplos parceiros, os entrevistados reconheceram o HIV e as DTS como algumas das "desgraças":

"Eu acredito que quando se fala de vários parceiros agora, olha-se mais para a problemática de HIV/SIDA porque uma mulher que tem vários parceiros está mais apta, fragilizada a contrair doenças de transmissão sexual HIV/SIDA, ela até pode prevenir mas como nem tudo é perfeito, acho que a desvantagem é o risco de contrair doenças de transmissão sexual e gravidez indesejada."

(RAPARIGA - ZONA URBANA - BEIRA)

Figura: Poliâmia

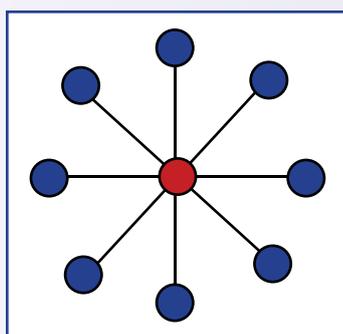
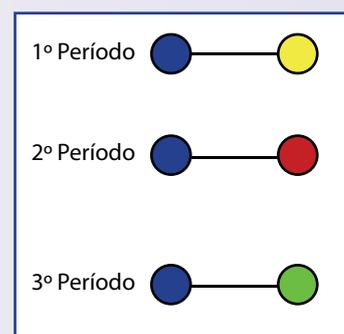


Figura: Monoâmia em série/sequencial



"Dos riscos eu posso dizer que toda relação sexual tem riscos tem vantagens e desvantagens como vimos atrás mas o maior risco está com as pessoas que tem muitos parceiros sexuais. As pessoas que tem único parceiro tem menos riscos de apanhar doenças de transmissão sexual."

(RAPARIGA - ZONA URBANA - LICHINGA)

Apesar dos testemunhos revelarem certa consciência da vulnerabilidade ao HIV via múltiplos parceiros, foi observado que os riscos mais temidos estão associados a situações e/ou consequências com potencial de gerar eventos de anomalia social. O envolvimento com múltiplos parceiros pode originar gravidez indesejada, não assumida, filhos igualmente indesejados; conduz alguns destes filhos a tornarem-se meninos de rua, vulneráveis à prostituição e à delinquência.

As representações que se fazem do corpo revelam perigos e/ou desvantagens de outra natureza. O "desgaste do corpo" é uma das situações que é referida como desvantagem e risco. Tomando em conta o papel central que a prática sexual desempenha na manutenção da relação – no sentido de que ter muitos parceiros significa ter mais oportunidades de prática de relações sexuais – assume-se que o "corpo cansa" e se "degrada", sobretudo quando se é mulher, e para esta a capacidade de gestão de corpo é crucial para a sua valorização no lar e prestígio na comunidade.

Para as mulheres, é crucial evitar que sejam vistas como "o poço onde todo o homem passa". Para os homens, o desgaste manifesta-se pela diminuição da esperança de vida e pela impotência, pois a prática de relações sexuais com vários parceiros conduziria à diminuição do tempo de vida e a "perda de tesão", sem a qual não se seria mais "homem de verdade". Em ambos os casos de desgaste do corpo, a consequência imediata é o evitamento e a perda do marido/esposa ou namorado/a.

“É o teu corpo que se cansa, porque cada sexo que tu fores a praticar não é coisa de brincadeira, sim não é, eu acho que existe muitas desvantagens quando tens muitos parceiros.”

RAPARIGA - ZONA

URBANA - NAMPULA



VII.2. Múltiplos parceiros co-ocorrentes e dinâmicas de uso do preservativo

No contexto da correlação entre relacionamentos com múltiplos parceiros e o HIV e SIDA, a pesquisa procurou captar os significados e dinâmicas em relação ao uso de preservativo em relações ocasionais ou com parceiros não primários, de modo a aferir o seu potencial impacto na prevenção. Teoricamente, assume-se que os efeitos multiplicadores do vírus poderiam ser reduzidos se existisse uma maior percentagem de uso de preservativo, uma vez que este garante 85% de eficácia contra a transmissão de ITS incluindo o HIV quando usado correctamente.

A pesquisa procurou inicialmente apreender a percepção dos entrevistados sobre os níveis de uso do preservativo nos contextos em que estão inseridos e a importância que se atribui ao preservativo. No que se refere a relevância do uso do mesmo, há conformidade de sentimentos de que este é importante porque previne as DTS, o HIV e a gravidez indesejada, e que deve ser usado constantemente, pese embora existirem nuances que se descrevem mais adiante.

Todavia, embora haja esse reconhecimento, considera-se que na actualidade o preservativo também incita à promiscuidade e à infidelidade, porque segundo a audiência, a existência do preservativo faz com que as pessoas não tenham um comportamento sexual responsável, precavido e saudável, confiando na protecção que o preservativo oferece.

Embora as opiniões variem, existe igualmente um entendimento hegemónico de evolução positiva na aceitabilidade e uso do preservativo nos contextos pesquisados. Esta tendência é atribuída às acções programáticas desenvolvidas por diversas organizações que intervêm com iniciativas de resposta ao HIV e SIDA. Para além destas intervenções, crê-se que experiências individuais e colectivas de convivência com o HIV e SIDA estejam a forçar e incentivar mudanças de comportamento com tendências de cada vez mais uso do preservativo.

"Mesmo se formos a ver todas as instituições aqui em Lichinga ultimamente logo que entras na recepção encontras preservativo na porta, na recepção, nos gabinetes, em todo lado, nos hospitais, no mercado se há uma coisa que existe de borla são os preservativos e isso está a contribuir para a mudança de comportamento de muitas mulheres, porque para além de evitar doenças também contribui para evitar que os homens se metam com elas sem usar o preservativo, sim aqui em Lichinga está-se a usar isso eu tenho a certeza."

(RAPARIGA - ZONA URBANA - LICHINGA)

“Eu acho que falando do uso de preservativo, é aconselhável, já que toda comunidade diz isso; só que usando preservativo aumenta muito para as relações ocasionais, aumenta mais infidelidade. Agora só a partir do uso de preservativo já há muita infidelidade, mas ajuda na prevenção.”

RAPARIGA – ZONA RURAL – MANICA

Não obstante o facto de se considerar o uso de preservativo relativamente disseminado, tal como ocorre com o conhecimento a cerca deste, a tendência de uso é tida como variável de acordo com os estratos sociais e faixa etária. O preservativo é mais usado entre os jovens que entre os adultos. Factores socioculturais que serão analisados mais adiante, como a valorização da procriação e a necessidade de evitar a gravidez indesejada, são tidos como factores que condicionam esta tendência.

Paralelamente a esta visão de certa forma optimista, existe outra corrente de opinião que considera que nos seus contextos há pouco uso de preservativo. A resistência ao uso do preservativo é maioritariamente associada ao homem em comparação com mulheres. Para aqueles, a sua posição é sustentada pelo crescente número de infeções por HIV e de mortes por SIDA e de muitas grávidas em adolescentes e jovens.

Varias são as razões e/ou barreiras indicadas para evitar o uso do preservativo. Muitas barreiras estão associadas a estereótipos e percepções localmente construídos e socialmente partilhados sobre a prática de relações sexuais e da sexualidade como campo culturalmente regulado.

No contexto dos relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes, o preservativo é tido como usado nos primeiros dias da relação e à medida que esta estabiliza, subsiste e, sobretudo multiplicam-se os contactos sexuais gerando-se assim um ambiente de confiança que descarta o uso de preservativo:

"Sinceramente, eu acho que as pessoas usam o preservativo nos primeiros dias de uma relação. A partir do momento que pula a cerca, muitas vezes, há casos em que começa como part-time, uma aventura, mas ele vai a primeira vez, volta a segunda, já está lá um mês, depois um ano, aí já confia em ti, és minha amiga, estou seguro, tira o preservativo."

(MULHER – ZONA URBANA – MAPUTO)

“É assim, quando Deus nos criou, disse: utilizai-vos; não fez o preservativo do estilo para utilizarem. Agora não sei porque o homem trouxe o preservativo, estás a entender? É um obstáculo para mim o preservativo, é isso; não me satisfaz.”

RAPARIGA - ZONA URBANA - PEMBA



A idéia de confiança é crítica no contexto de relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes. A confiança que se estabelece entre os parceiros cria segurança no novo ciclo da relação em que os indivíduos estão envolvidos com o parceiro habitual embora não primário.

"Bom, deve usar-se o preservativo se houver desconfiança... Sim porque a partir do momento que tu como esposa e o teu marido estão habituados a andarem sem preservativo, então ele vem um belo dia tu exiges a ele preservativo, aí ele vai desconfiar e questionar porque é que estás a pedir preservativo naquele dia."

(MULHER – ZONA URBANA – MAPUTO)

Segundo, crê-se que o uso de preservativos é para relações ocasionais. Não são todas as relações ocasionais que impelem ao uso do preservativo. O preservativo pode ser dispensado quando existe um/a parceiro/a bastante apreciado pelas suas características físicas, consideradas belas ou atraentes. Este é usado em caso de viagens por um período prolongado, o qual não se pode aguentar ficar sem praticar relações sexuais com desconhecidos, principalmente determinadas categorias sócio profissionais como as trabalhadoras de sexo.

"O preservativo é para ser usado para quando a pessoa viaja em serviço para um lugar e se meter com outras parceiras em que ele não confia, aí ele pode usar o preservativo."

(HOMEM – ZONA RURAL – MANICA)

As ideias mais recorrentes que justificam o não uso do preservativo variam. Tanto para homens como mulheres, o preservativo é considerado um obstáculo para se obter o prazer sexual, não



“Outros não usam o preservativo porque existem religiões que não aceitam o uso do preservativo baseando se na lei divina que diz que multiplicai-vos e enche a terra como diz a bíblia, mas gostaria que as pessoas deixassem isso de parte porque há muita gente a morrer.”

HOMEM – ZONA RURAL – MANICA

permite a satisfação sexual plena este contraria a natureza do sexo. Por outro, o preservativo é tido como algo que cria desconforto na relação sexual; cria lesões, irritação e inflamação nos órgãos genitais (magoa) e ainda dificulta o orgasmo:

"Eu não uso, não me satisfaz, se meu namorado quer vai usar lá fora não comigo porque não me sinto bem. Eu me sinto bem quando tira, eu sentir a entrar bem. Agora quando é um preservativo não tem aquele sabor natural, às vezes uso por insistência ou quando estou de período ai sim, mas em condições normais não uso, (o grupo ri e faz gestos de concordância)."

(RAPARIGA - ZONA URBANA - PEMBA)

"Não vejo qual é o sabor, por isso dizem que é só você mentalizar que aqui estou a fazer sexo normal. Só que quando você mentaliza que aqui tem um plástico você não se sente nada, não sente bem."

(RAPARIGA - ZONA URBANA - PEMBA)

Uma das vertentes do não uso do preservativo de forma eficiente e sustentável é a prática do seu uso antes do início e sua posterior retirada durante o ciclo de realização da prática sexual:

"Há miúdas que exigem até certo ponto que o homem use o preservativo mas só para ela ver, no momento do acto até pode tirar o preservativo porque ele acha que aquilo as vezes incomoda é daí que às vezes surgem as gravidezes indesejadas, as doenças. Quando é assim ninguém sabe quem passou a doença."

(RAPAZ - ZONA URBANA - MAPUTO)

“Alguns dizem que não conseguem fazer sexo com preservativo porque não estão habituados, então não sentem o gosto real, então não usam”

HOMEM - ZONA SEMI-RURAL - INHAMBANE



“O machismo também entra nessa história, porque se digo “nhama hi nhama swa nandzika” obrigo a ela sob ameaças. Se ela conseguir resistir e dizer; amor hoje se você não põe preservativo não vai ter relações sexuais é certo que não há-de haver, mas muita das vezes isso é difícil para muitas mulheres.”

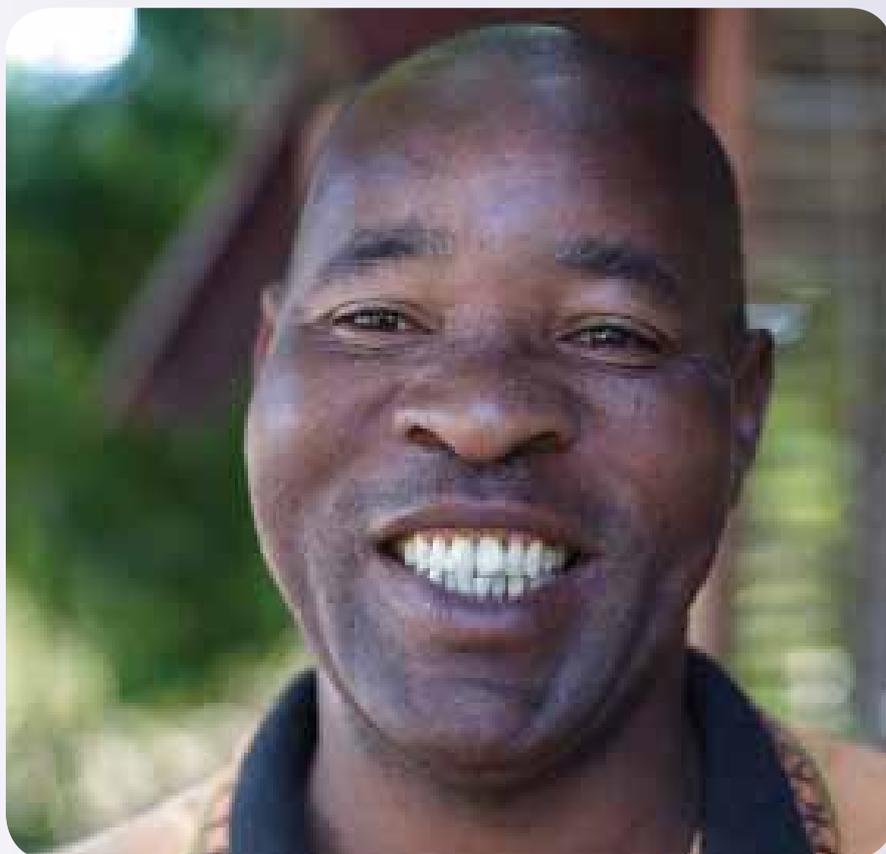
RAPAZ - ZONA URBANA - MAPUTO

As pessoas não usam o preservativo porque quando o indivíduo se encontra sob influência do álcool dificilmente poderá visualizar o perigo. As relações de poder desiguais entre o homem e a mulher impossibilitam esta de negar a prática de relações sexuais desprotegidas, situação que pode degenerar em violência. Muitos homens acreditam que o preservativo incomoda, não permite a satisfação do homem no acto sexual. Por outro lado, existem religiões que não são a favor do uso do preservativo, o que leva os fiéis dessas religiões a não usarem.

"Outra coisa que leva as pessoas a não usarem o preservativo é o consumo de álcool. Quando as pessoas vão as festas ou nas barracas bebem e perdem o controle, lá existe o álcool que é o principal provocador dessas gravidezes e infecções, porque a pessoa quando já está embriagada não consegue controlar-se mantém relações sexuais sem camisinha, daí gravidez precoce ou SIDA."

(RAPAZ - ZONA URBANA - MAPUTO)

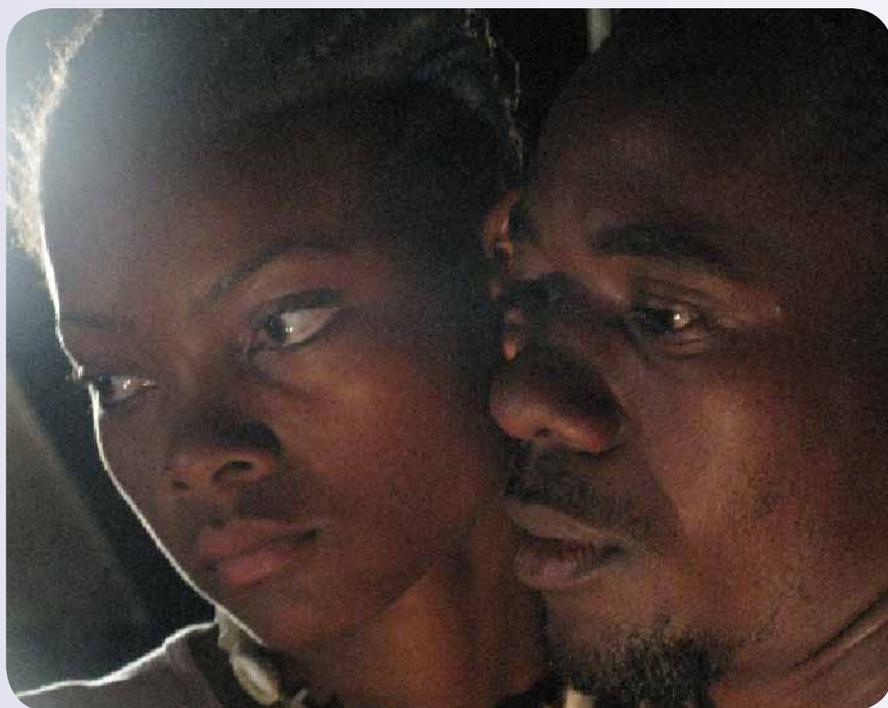
As crenças religiosas constituem outro factor que inibe o uso, regular ou não do preservativo. Para os entrevistados, nos seus contextos comunitários, proliferam confissões religiosas que desincentivam o uso do preservativo. Para a audiência a maioria destas igrejas baseiam-se no pressuposto divino que formula "multiplicai-vos e enchei a terra".



VIII. Discussão dos resultados

Na literatura existe uma tendência para distinguir poligamia e parceiros múltiplos e co-ocorrentes. Para este propósito e seguindo as representações dos entrevistados, as duas realidades se entrelaçam: parceiros múltiplos e co-ocorrentes ocorrem quando um indivíduo mantém relacionamentos sexuais com mais de um parceiro simultaneamente e, neste contexto, a poligamia é uma forma de parceiros múltiplos e co-ocorrentes. O que distingue a poligamia de outras formas de múltiplos parceiros é o facto de esta ser tendencialmente fechada, quando nos outros relacionamentos não existe um compromisso de exclusividade entre os diferentes parceiros – estes podem ter vários outros parceiros sexuais paralelamente com ou sem o conhecimento dos vários parceiros. Devido às implicações de ambas as práticas para catalisar o aumento de infecções, num contexto onde não se valoriza muito a fidelidade (incluindo o polígino e suas esposas) mantém-se a consideração da poligamia como um relacionamento de múltiplos parceiros co-ocorrentes.

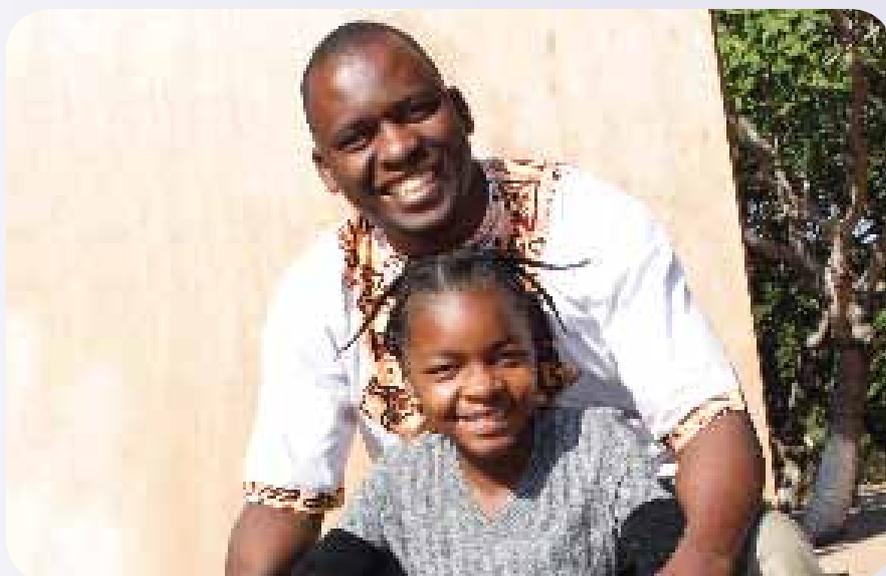
São várias as razões que justificam a poliginia e muitas delas estão associadas às crenças e estereótipos ligados a uma condição "natural" e "normal" masculina de dispor de mais de uma mulher/esposa e a necessidade que se tem de demonstrar e elevar o *status* sócio económico. Autores baseados em dados de terreno recolhidos em diferentes contextos de Moçambique, fundamentaram e demonstraram que a prática da poligamia está associada a necessidades reprodutivas, no sentido de que ela representa uma garantia de que o poder do homem em procriar não seria limitado pela eventual incapacidade da mulher de gerar filhos (Matsinhe, 2005: 168).



Por outro lado, foi demonstrado em pesquisas sócio-antropológicas que a poligamia é valorizada como símbolo de poder e *status*, tendo ocorrido frequentemente situações em que as pessoas não polígamas se referiam aos polígamos como pessoas que "podem" económica e politicamente nas relações locais (Matsinhe, 2005) e que homens entrevistados e que não tivessem muitas mulheres justificavam sua condição por falta de meios para suportar os custos, tais como falta de terra e dinheiro para pagar a compensação matrimonial (Silberschmidt, 2001: 2).

A ocorrência da poligamia responde em alguns casos documentados à necessidade de reprodução e legitimação de ideologias e estereótipos sobre a identidade sexual masculina (Matsinhe, 2005: 167/180) e, noutros casos, responde a imperativos de sobrevivência e/ou de reprodução material e económica dos envolvidos, sobretudo da parte das mulheres.

Um outro tipo de relacionamento múltiplo identificado pela pesquisa é o amantismo. Uma das variantes documentadas do amantismo para responder a necessidades materiais consumistas é a ocorrência de relações com múltiplos parceiros e co-ocorrentes entre homens adultos e mulheres jovens, o relacionamento intergeracional. Esta é uma realidade crítica num contexto com altas prevalências de HIV. Embora assuma facetas diferenciadas nos vários lugares onde a pesquisa ocorreu, a prática de sexo entre pessoas de idades diferentes é genericamente uma prática implicitamente aceite e é sustentada por uma série de argumentos que prescrevem atitudes de aceitação e permissão, o que concorre para reproduzir o fenómeno, com destaque para as ideias de que, primeiro, é uma forma de demonstração de masculinidade e até de poder económico e, segundo, um estratégia de reprodução individual e colectiva num contexto de falta de oportunidades económicas e de consumismo exacerbado.



A prática do amantismo não é nova neste contexto de parceiros múltiplos e co-ocorrentes, o que ocorre é que as suas variantes vão se modificando ao longo do tempo. Actualmente documenta-se a emergência de novos padrões vulgarmente designados por "Casa 2". Embora pouco analisado em Moçambique, a prática é equivalente às "small houses" reportadas no país vizinho Zimbabwe. Para certos autores (Kelly e Maveneka 2005, Chingandu s.d.) a "small house" é uma evolução da poliginia formal e pode tomar variadas formas.

Numa das formas, um homem, normalmente membro de uma elite urbana, pode pagar lobolo a uma segunda esposa mas, por causa do seu estatuto social, não pretende ser visto como um polígamo. A segunda mulher pode ser mantida em segredo, ela pode viver sozinha e receber visitas ocasionais deste homem. As famílias de ambos normalmente têm conhecimento deste arranjo, embora as duas mulheres (esposas) não costumam ser vistas juntas. As "small houses" são muitas vezes segredos abertos que toda a gente sabe mas ninguém menciona, e por esta razão não são discutidas, o que resulta na dificuldade de abordar questões de risco com o parceiro primário. (Kelly e Maveneka 2005, Chingandu s.d.).

Noutra forma, uma "small house" pode ser uma amante de longa duração que o homem sustenta e com quem pode ou não ter filhos. Esta pode ser conhecida pela esposa, mas nunca reconhecida. A relação é normalmente estável, porque embora o homem esteja com a sua família "oficial" a maior parte do tempo, a amante, não tendo a segurança e a estabilidade de um relacionamento afectivo, pode procurar outros relacionamentos e assim pode ter a oportunidade de fazer o mesmo (Idem). Constitui, no entanto, uma oportunidade de pesquisar a análise das dinâmicas quotidianas do funcionamento destas práticas numa perspectiva entre contextos rurais e urbanos, bem como a apreensão das características sociais das pessoas envolvidas.

De forma generalizada, nos contextos estudados por vários autores, a motivação para o envolvimento em relacionamentos múltiplos é explicada pela necessidade de garantir condições materiais de sobrevivência e reprodução individual e colectiva. Vários autores (Santos e Arthur 1994, Osório 1998, Loforte 2000, Bagnol e Chamo 2003, Leclerc Madlala 2003, Hawkings, Mussa & Abuxahama 2005, Manuel 2005) em pesquisas e reflexões precedentes, argumentam que a procura de satisfação de necessidades básicas (como alimentação, educação, saúde) num contexto de extrema pobreza, conduz a que os indivíduos se envolvam em múltiplos relacionamentos simultâneos que poderiam assumir a forma de sexo transaccional para obter dinheiro, bens, oportunidades de emprego ou favores que facilitarão a satisfação de tais necessidades.

Pesquisas anteriores mostraram que os desejos ou caprichos são também motivadores de relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes em outros contextos da África sub-Sahariana. Leclerc-Madlala (2003) que estudou as dinâmicas de sexo transacional num subúrbio em Kwazulu Natal na África do Sul distingue então estes bens das necessidades básicas, designando-os de desejos ou caprichos (*needs versus wants*).

Em Moçambique, alguns autores descrevem situações semelhantes, embora não as discutam em profundidade (Bagnol e Chamo 2003, Karlyn 2003, Manuel 2004 e 2005). Para estes, os bens resultantes dos desejos e caprichos (*wants*) constituem objectos de afirmação e, conseqüentemente, inserção social, principalmente em grupos privilegiados. Eles conferem maior poder económico; expõem o indivíduo envolvido a classes sociais mais elevadas; e, conseqüentemente, a maiores oportunidades de auto-replicação económica, social e até profissional (Idem, Ibidem). Todavia, a acção dos factores sócioeconómicos ocorre num contexto em que existe um ambiente cultural que de certa forma é permissivo à ocorrência do fenómeno, como se explana de seguida.

A satisfação de uma necessidade básica em contextos de relacionamentos com parceiros múltiplos e co-ocorrentes nem sempre significa o término do envolvimento na rede. Como mostra o esquema abaixo, existe um contínuo entre a satisfação de necessidades básicas ou de sobrevivência e de prestígio. Sobretudo nos jovens, a satisfação de determinado tipo de bens gera a necessidade de outros. E estes têm recorrido a diferentes parceiros para a satisfação de necessidades específicas: um parceiro para necessidades de transporte, outro para satisfação sexual, outro para divertimento e outro ainda para necessidades de vestuários.

Natureza das necessidades que motivam envolvimento em redes de múltiplos parceiros

Contínuo de "necessidades" em trocas sexuais	
Subsistência	Consumo
• Alimentação	• Telemóveis/jóias
• Renda	• Passeios/entretenimento
• Vestuário	• Roupas (moda)
• Propinas	• Propinas (Ensino Superior)
• Transporte	• Transporte

S.Leclerc - Madlala (2003). *Transactional sex and the pursuit of Modernity*. *Social Dynamics* 29(2), pag 224

Em Mocambique, ser mulher está associado à capacidade de "conseguir" um homem para formar lar, para procriar, onde a fecundidade constitui outro dos definidores centrais da feminilidade e o homem é central para a inserção e respeito da mulher no seu meio social (Loforte, 2000). Este padrão de feminilidade também molda as próprias mulheres e o tipo de atitudes e relacionamentos que estas desenvolvem. Na sua impossibilidade de arranjar seu homem e a partir da gestão do seu corpo e da manipulação do ideal feminino, as mulheres procuram vários grupos de homens, accionando um espaço de poder que lhes permite atingir os seus objectivos (Idem). Neste processo, elas envolvem-se em relacionamentos múltiplos e co-ocorrentes, algumas vezes passando por disputas com outras mulheres e expondo as dinâmicas de género que existem dentro do grupo de mulheres.

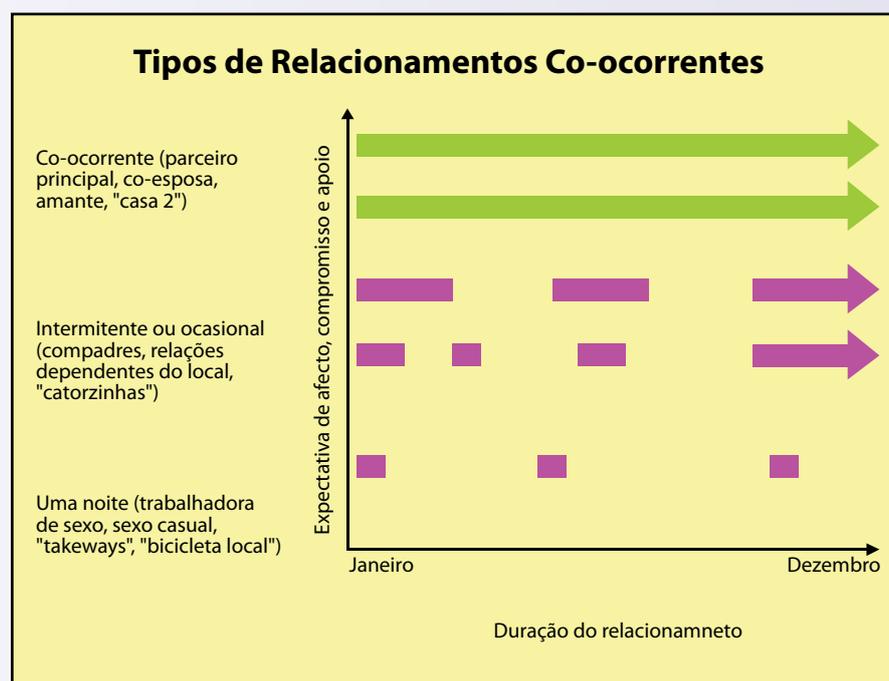
Estes processos revelam nuances da realidade que corroboram com a ideia de que embora exista um amplo reconhecimento social do homem como um ser "naturalmente" propenso a ter múltiplas parcerias sexuais, e esse discurso ser parte de um referencial sócio-cultural predominante, não se pode simplificar ou minimizar o papel das mulheres, como agenciadoras dinâmicas e activas das relações sexuais e aspectos relativos, em graus e circunstâncias variadas em diferentes contextos sócio-demográficos e culturais (Matsinhe, 2005: 171/172).

Para além dos estereótipos que se constroem em volta das identidades socialmente construídas de homem e mulher, a prática sexual, as representações que se constroem sobre o acto propriamente dito (cópula), os adereços que lhe constituem, o prazer e desprazer que dele resulta, fazem do evento da prática do acto sexual uma arena onde se jogam diferentes capitais e interesses. O jogo das expectativas satisfeitas ou não que dela resulta concorre para a dinamização do fenómeno de relacionamentos com múltiplos parceiros e co-ocorrentes.



Dos argumentos que promovem relações com múltiplos parceiros, é notório que contrariamente ao que acontece com as mulheres, estas relações são eroticamente encorajadas para homens. Estes contextos constituem momentos para o homem realizar actos sexuais fora da prática rotineira com a parceira regular, esposa ou namorada. São espaços e ocasiões que permitem não apenas manter contacto com métodos e/ou posições actualizadas e inovadoras de praticar relações sexuais, mas também e, sobretudo, elas permitem o aperfeiçoamento da desempenho na prática da relação sexual do homem. Estes aspectos são importantes para fugir à rotina e também para "manter a estabilidade da relação".

Duração da relação com múltiplos parceiros



Leclerc-Madlala, S. (2007) "Multi-partenered sex in the Southern Africa Context" apresentado na conferência *Setting a New Agenda for HIV Prevention in Southern Africa, Johannesburg*, 11 Dec. 2007

O diagrama acima confirma que a duração deste tipo de relacionamentos consoante o tipo de relação e depende das expectativas criadas para o envolvimento na relação e o grau de cumprimento da satisfação das mesmas. A figura mostra que para os casos de co-esposas e amantes a relação é mais constante ao longo do tempo, de carácter intermitente e ocasional com namoradas e mais curta ainda quando se trata de relacionamentos como trabalhadoras de sexo e encontros casuais.

Embora não seja unanimamente partilhado, é importante referir que o envolvimento com múltiplos parceiros não é de *per se* percebido como situação ou evento que tenha implicações de risco de infecção ou propagação do HIV e SIDA, sobretudo para os casos de casados ou união duradoura. A regularidade da relação é um aspecto que não é associado ao risco; se nestes tipos de relacionamento ocorre a infecção, esta é sempre atribuída ao "outro/a" com qual o parceiro se envolveu. Os parceiros primários só se poderiam ter infectado

com o HIV em relacionamentos anteriores, passados ou ocorridos fora da relação, em casos de infidelidade e traição. E como foi referido em outras pesquisas, fidelidade não é sinónimo de único parceiro, mas sim de "diminuir brincadeiras" ou "reduzir o número de amigas" (Matsinhe, 2005: 169)

Embora a presente pesquisa não tenha se interessado por perceber a qual dos parceiros, entre homem e mulher, se atribui responsabilidade por infectar outrem, dados de pesquisas anteriores realizadas em Tete revelaram processos de culpabilização da mulher e feminização do risco. Tanto entre os homens quanto entre as mulheres abrangidas pelas pesquisas, houve tendência para acreditar que o vírus é transmitido pelas mulheres, em termos de culpabilização, onde os homens são vistos como vítimas e não como vectores de transmissão do vírus. Essa culpabilização ocorre associando a mulher a frequência de estados de impureza, perigo e doença que posteriormente são transportados para homens e cuja interpretação passa a ser reelaborada e extensiva ao HIV e SIDA (Matsinhe, 2005: 171/177).

Para além deste vasto complexo de percepções, homens e mulheres quando envolvidos em relações com múltiplos parceiros, são socialmente vectores de transmissão do HIV. Embora se esteja perante contextos heterogéneos que configuram experiências e trajectórias diversificadas, o padrão é associar-se o risco de infecção por HIV e SIDA à resistência dos homens em usar preservativo numa relação com mínimo de regularidade e falta de capacidade das mulheres negociarem e imporem o seu uso, situação que coloca desafios de envolvimento do homem em campanhas ou acções programáticas de resposta ao HIV e SIDA.

No contexto moçambicano, alguns estudos apontam para um crescente nível de uso do preservativo, mas este ainda não atingiu a eficácia desejada. Existe maior consciencialização para o uso de preservativo com parceiros não regulares e essa percentagem tende a crescer ao longo dos anos (43,3% em 2001 para 67,8% em



“Eu acredito que na sociedade em que vivemos ambas as partes tanto o homem como a mulher sentem o mesmo prazer. Já não existe aquilo de que uma mulher não pode conquistar um homem, ela conquista e o homem aceita e vice-versa; agora existe igualdade de direitos, da mesma maneira que o homem é igual à mulher, ambos procuram parceiros.”

RAPARIGA – ZONA URBANA – BEIRA

2004). No concerne ao uso de preservativo com a parceira regular, pesquisas da PSI mostraram um aumento da percentagem de uso de preservativo quando o homem tem duas ou mais parceiras. No entanto, embora subam as percentagens, estudos qualitativos mostram que o preservativo não é regularmente e continuamente usado nos diversos tipos de relacionamentos, embora com níveis diferentes (Manuel 2002, Bagnol e Chamo 2003, Hawkins, Mussa & Abuxahama 2005). Neste contexto, evidencia-se o desafio e necessidade de mais campanhas para o uso do preservativo de modo correcto e consistente, se tivermos em consideração o argumento usado anteriormente em relação a mudança de comportamento focalizada na redução de parceiros num contexto de rápida e exponencial expansão do HIV.

Reflexões recentes sobre dinâmicas e significados de uso do preservativo, confirmando tendências anteriormente descritas, revelam que em função da confiança depositada no parceiro habitual dispensa-se o uso de preservativo, independentemente deste parceiro ser casado, solteiro, monogâmico ou não (Gune, 2008). A confiança é um valor que age como espada de dois gumes: ela não é redutível aos actos sexuais, engloba outros aspectos, como a honestidade, vista como prova de que, independentemente de se terem outros parceiros, a relação na qual estão envolvidos é a mais importante. Questionar essa confiança é tido como um acto comprometedor da relação (Idem).

De forma geral, o preservativo é assumido como um meio que faz parte das dinâmicas sexuais dos entrevistados e relevante para evitar gravidez, doenças e em especial o HIV e SIDA. A sua disponibilidade de forma massiva é vista como incentivo à infidelidade. O potencial uso do preservativo nos contextos estudados depende das percepções e significados que atribuem aos parceiros considerados de risco e seguros. O não uso do preservativo ocorre em práticas sexuais que são consideradas seguras, quando não existe falta de confiança, com um parceiro regular não primário, com categoria de indivíduos considerados portadores ou representando perigo. As relações de poder desiguais entre homem e mulher, a desfavor desta, coloca-a também numa posição de vulnerabilidade em relação a este aspecto, não lhe permitindo negociar ou tomar decisões sobre as condições de exercício da prática sexual, mesmo que visualize o risco.

IX. Conclusão

Os resultados da pesquisa revelam que, em Moçambique, a problemática dos relacionamentos com parceiros múltiplos e co-ocorrentes constitui uma realidade presente e que é ainda um enorme desafio para os diferentes actores governamentais e organizações da sociedade civil. Esta preocupação ganha cada vez mais pertinência, pois assume-se como factor catalisador das infecções com HIV.

Há diferentes tipos de relacionamentos com múltiplos parceiros e co-ocorrentes que partem de modelos considerados normais e/ou tradicionais de relacionamento, como a poliginia, evoluindo para formas novas e reconfiguradas, denominadas de amantismo e de amizade íntima. Estas diferentes formas de relacionamento coexistem e constroem-se ora dentro das normas e dos grupos familiares, ora fora deles, na interface entre o público e o privado e entre o socialmente legitimado e reprovado.

Nos contextos estudados, a motivação para o envolvimento em relacionamentos múltiplos é explicada pela necessidade de garantir condições materiais de sobrevivência e reprodução individual e colectiva. Nestes contextos, as mulheres são as mais susceptíveis de se envolver neste tipo de relacionamentos, pois tradicionalmente as relações de género as relegam a menos oportunidades de educação, acesso a recursos financeiros e rendimento. O consumismo é outro factor que impele mulheres a se envolverem com múltiplos parceiros, com o objectivo não necessariamente de suprir as suas necessidades básicas, mas para obter recursos que permitem a aquisição de bens de consumo e/ou de luxo.



A ocorrência do fenómeno está associada também a processos locais de construção social da identidade masculina e feminina. A legitimidade destes relacionamentos ocorre sustentada por um conjunto de crenças e estereótipos do que deve ser o comportamento sexual de um homem comparado ao da mulher. A afirmação da masculinidade, o processo de construção da virilidade, o "machismo" que se constroie à volta da ideia de um "direito natural" que o homem goza, e que o impele à necessidade de envolvimento sexual com mais do que uma parceira. A feminilidade é outra motivação: o orgulho, a reputação, a honra, a notoriedade e vontade de distinção das mulheres no grupo/comunidade impelem também as mulheres a essas redes e contribuem para a construção de novas formas de identidade e/ou subjectividade feminina.

A prática de relações sexuais é um factor agenciador das relações sociais e age simultaneamente como factor catalisador e limitante do envolvimento dos indivíduos em redes de relacionamentos com múltiplos parceiros. A prática sexual age simultaneamente como factor estabilizador e de ruptura das relações mantidas com o parceiro primário.

A pesquisa interessou-se pelas dinâmicas de funcionamento e gestão de relações com múltiplos parceiros e co-ocorrentes. Uma das principais e primária característica do funcionamento é o estabelecimento de "regras de jogo" para melhor gestão. As regras prescrevem atitudes e comportamentos diversos, sobretudo a adoptar quando se está com o parceiro primário. A preocupação para estabelecimento destas regras ocorre mais da parte das mulheres que gerem suas relações com base no silêncio e/ou segredos em relação ao parceiro primário e aos subsequentes. Os homens, embora se preocupem em estabelecer e/ou se acomodar às regras de jogo estabelecidas, a mentira e a ocultação às parceiras co-ocorrentes caracterizam o seu modelo de funcionamento e gestão de múltiplos parceiros.



A pesquisa revelou existir uma correlação positiva entre envolvimento em redes de relações sexuais com múltiplos parceiros e o aumento de infecções por HIV, embora a percepção do risco se situe no campo mais vasto de situações de risco social que são mais valorizadas e temidas, sobretudo aquelas que têm potencial de gerar eventos de anomia social.

No que se refere à relevância do uso do preservativo, há conformidade de sentimentos de que este é importante porque previne as DTS, HIV e a gravidez indesejada, e que deve ser usado constantemente. A sua disponibilidade de forma massiva é vista como incentivo à infidelidade. O potencial uso do preservativo nos contextos estudados depende das percepções e significados que atribuem aos parceiros considerados de risco e seguros. O não uso do preservativo ocorre em práticas sexuais que são consideradas seguras, quando não existe falta de confiança, com um parceiro regular não primário, com categoria de indivíduos considerados portadores ou representando perigo. As relações de poder desiguais entre homem e mulher, a desfavor desta, colocam-na também numa posição de vulnerabilidade em relação a este aspecto, não lhe permitindo negociar ou tomar decisões sobre as condições de exercício da prática sexual, mesmo que visualize o risco. O desafio é transformar o conhecimento que se tem das vantagens de preservativo em prática.



IXI. Bibliografia

Bagnol, B and E. Chamo 2003, Titios e catorzinhas: pesquisa qualitativa sobre “sugar daddies” na Zambézia (Quelimane e Pebane), Mozambique: DFID/PMG Mozambique

Bardalez, J., T. Fagundes & J. Chalufu 2005 Resumo das revisões de estudos e pesquisas realizadas em Moçambique referente a Comportamentos, Atitudes e Conhecimentos sobre HIV/SIDA. John Hopkins University e CCP

Chingandu, L. [s.d] Multiple Concurrent Partnerships: The story of Zimbabwe – Are small houses a key driver? Harare: SAFAIDS

CNCS & Conselho de Ministros 2004 Plano Estratégico Nacional de Combate ao HIVSIDA 2005-2009. Maputo: CNCS

Curtis, Debra (2004) Commodities and Sexual Subjectivities: A Look at Capitalism and Its Desires in Cultural Anthropology 19(1):95–121.

Epprecht, M. [s.d] The unsaying of indigenous homosexualities in Zimbabwe: Mapping a blindspot in an African Masculinity

Gavin, S. & M. Cohen 2004 The role of the sexually transmitted diseases in HIV Infection. Nature Reviews Microbiology 2(1)

Gune, Emídio (2008) Momentos liminares: dinâmica e significados no uso do preservativo. *Análise Social*, vol. XLIII (2.º), 2008, 297-318

Hawkings, K, F. Mussa & S. Abuxahama 2005, Milking the cow: young women’s construction of identity, gender, power and risk in transactional and cross generational sexual relationships. Maputo: PSI

Halperin, Daniel T & Epstein, Helen (2007) “Why is HIV Prevalence so Severe in Southern Africa? The role of multiple concurrent partnerships and lack of male circumcision: Implications for AIDS prevention” in *The Southern Africa Journal of HIV Medicine*, March 2007, 19/23

Halperin, D. & H. Epstein 2004 Concurrent Partnerships help to explain Africa’s high HIV prevalence: implication for prevention. *The Lancet* 364(9428): 4-6

Hunter, D 1993 AIDS in sub-Saharan Africa: The epidemiology of heterosexual transmission and the prospects for prevention. *Epidemiology* 4(1): 63-72

Idele-Akwara, P. 2002 The social context of perception of AIDS risk and sexual behavior in Kenya

[s.a] 2003 Inquérito demográfico de saúde 2003 (Moçambique)

Karlyn, A. 2003, ‘Intimacy Revealed: The language and context of adolescent experimentation in Maputo, Mozambique’. Paper presented at the Sex and Secrecy Conference June 2003 at WITS University

Kelly, K.& L. Maveneka 2005 comprehensive review of behavior

change for preventing HIV transmission through sexual transmission in Zimbabwe. Harare: National AIDS Council of Zimbabwe

Leclerc-Madlala, S., 2003, 'Modernity, meaning and money: Urban youth and the commodification of relationships' paper presented at the Centre for Social Science Research, University of Cape Town

Le Pont, F. et al 2003 'A new scale for measuring dynamic patterns of sexual partnership and concurrency: Application to three French Caribbean regions' *Sexually Transmitted Diseases* 30(1): 6-9

Loforte, A. 2000, *Género e poder entre os Tsonga de Moçambique*. Maputo: Promédia

Loforte, A. 2003, *Praticas culturais em relação a sexualidade e representações sobre saúde e doença*. Maputo: Centro de Estudos da População

Manuel, S., 2005, 'Obstacles to condom use among secondary school students in Maputo city, Mozambique' *Culture, Health and Sexuality*, 7(3): 293-302

Matsinhe, C. 2006 *Tabula rasa: Dinâmicas da resposta Moçambicana ao HIV/SIDA*. Maputo: Texto Editora

MONASO (2008) *Análise da situação do HIV e SIDA & Acesso ao TARV em Moçambique*. Relatório produzido para a 1a. Conferência da Sociedade Civil sobre o HIV e SIDA em Moçambique. Maputo, Abril de 2008

Morris, M. & M. Kretzschmar 1997 'Concurrent partnerships and the spread of HIV' *AIDS* 11: 641-648

Mutangura, G., D Mukurazila & H. Jackson 1999 *A resposta dos agregados familiares e das comunidades a epidemia do HIV/SIDA nas zonas rurais da África sub-Sahariana*. Genebra: UNAIDS

Osório C., 1998, 'Escola e Família: Diferenças e Complementaridades' in A. Loforte and M. J. Arthur (eds) *Relações de género em Moçambique: Educação Trabalho e Saúde*. Maputo: UEM/Sarec

Osório C. 2006. 'Identidades sociais/identidades sexuais: uma análise de género'. *Outras Vozes* (17): 9-15

Parker, Warren et al (2007) *Concurrent sexual partnerships amongst young adults in south africa. Challenges for HIV prevention communication*. CADRE

Parker, R., 1991, *Bodies, pleasures and passions: Sexual culture in contemporary Brazil*, Boston: Beacon Press

PSI 2005 *Uso do preservativo, redução do número de parceiros sexuais e aconselhamento e testagem voluntária em Moçambique: Avaliação da mudança de comportamento – tendências, impacto e determinantes dos comportamentos relacionados com a saúde*. Maputo: PSI

SADC 2006 *Expert think tank meeting on HIV prevention in high prevalence countries in Southern Africa- Report*. Maseru: SADC

Santos, B. and M. Arthur 1994, 'Enquanto os homens tiverem o poder sexual...: O comportamento sexual e a expansão do SIDA/DTS na cidade de Maputo' in UNESCO(ed) Eu mulher em Moçambique. Maputo: UNESCO and AEMO pp. 69-81

Shelton, J. et al 2004 Partner reduction is crucial for balanced ABC approach to HIV prevention. BMJ 328(7444): 891-893

SILBERSCHMIDT, Margrethe (2001) "Changing male roles in rural and urban East Africa : The implications for male identity, sexuality and sexual behaviour" in International Colloquium Gender, Population and Development in Africa, Abidjan, 16-21 julho de 2001

Soul City 2007 Workshop on HV Prevention - Multiple Concurrent Partnerships. Johannesburg

UNAIDS & MISAU 2004 Alguns serviços do HIV/SIDA existentes em Moçambique: Serviços de Saúde relacionados com o HIV/SIDA em Moçambique. Maputo: UNAIDS

UNAIDS & CAPRISA 2006 Social Science Perspectives on male circumcision for HIV prevention. UNAIDS

UNAIDS 2006 Expert consultation on behaviour change. Geneva: UNAIDS

Wang, W. & W. Mosley, s.d, Prevalence and risk factors of concurrent sexual behaviour among chinese adults

Watts, C. & R. May 1992 'The influence of concurrent partnerships on the dynamics of HIV/AIDS' Maths Biosci 108: 89-104

Zimbabwe National AIDS Council 2006 Zimbabwe: National behaviour change strategy for prevention of Sexually transmission of HIV 2006-2010. Harare

N'weti & Soul City 2009

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação deve ser reproduzida, guardada num sistema de recuperação, ou transmitida sob qualquer forma ou por quaisquer meios, electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem autorização prévia do titular dos direitos autorais.

A equipa da N'weti - Comunicação para a Saúde teve um papel crucial na produção desta publicação através do apoio administrativo, pesquisa e contribuições editoriais. A sua dedicação e contribuição são valorizadas e reconhecidas.

CDC/PEPFAR

Este documento foi produzido com o apoio parcial do Acordo de Cooperação No. U62/CCU024560/01 do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC). O seu conteúdo é da total responsabilidade dos autores e não representa a opinião oficial do CDC.

Maio de 2009

Para solicitar qualquer material produzido pela N'weti - Comunicação para a Saúde, contacte: 21 485253/823079630 ou nweti@nweti.org.mz

www.nweti.org